Conselho Regional de Medicina
do Distrito Federal

Admirável Mundo Médico

A arte na história da Medicina

Armando J. C. Bezerra

3.ª Edição

Brasília-DF – Janeiro de 2006

ADMIRÁVEL MUNDO MÉDICO
3.ª Edição

Publicação do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal

W 3 Sul – Quadra 701 – Centro Empresarial Assis Chateaubriand
Bloco II – Salas 301/314 – CEP 70340-906
Tel.: (61) 3322-0001 – Fax: (61) 3226-1312
www.crmdf.org.br
E-mail: crmdf@crmdf.org.br

Edição
Lécia Maria dos Santos Viana (RP 2715/DF)

Editoração eletrônica, capas e arte-final
Wilson Moura

Fotolitos e impressão
Gráfica Teixeira

Tiragem
2.000 exemplares

Obra de interesse cultural e distribuição gratuita

B 574 Bezerra, Armando José China, 1945 –
Admirável mundo médico : a arte na história da medicina / Armando J. C. Bezerra. – 3 ed. Brasília, DF : Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, 2006.
116p. : il.

ISBN 85.903202-19

1. Medicina e arte. 2. Medicina – História. I. Título

CDD 701
CDU 7:61(09)
NLH WZ 330

DIRETORIA

Presidente
Lucianne Andréia Magalhães da Costa Reis

Vice-Presidente
Cláudio Ferreira Campos Vieira

Tesoureiro
José Humberto Frazão de Menezes

1.º Secretário
José Nava Rodrigues Neto

2.º Secretário
Luiz Fernando Galvão Salinas

CONSELHEIROS

Gestão 2003-2008

Afonso Henriques Pinto de Almeida Fernandes

André Luiz de Aquino Carvalho

Antônio Evanildo Alves

Arivaldo Bizanha

Armando José China Bezerra

Augusto César de Farias Costa

Cláudio Ferreira Campos Vieira

Eduardo Pinheiro Guerra

Eraldo Pinheiro Pinto

Fernando Cláudio Genschow

Glein Dias de Souza

Gustavo de Paiva Costa

Ivan de Farias Malheiros

Jairo Martinez Zapata

João Batista de Souza

José Carlos de Almeida

José Ferreira Nobre Formiga Filho

José Humberto Frazão de Menezes

José Nava Rodrigues Neto

Lara Regina Rocha Fernandes

Lucianne Andréia M. da Costa Reis

Luciano Dias Batista Costa

Luciano dos Santos Flores

Lucila Nagata

Luiz Alberto de Mendonça Lima

Luiz Fernando Galvão Salinas

Márcio Palis Horta

Maria da Graça Brito da S. Akuamoa

Maria Luíza Alves Penteado

Mário Márcio Moura de Oliveira

Maurício Lopes de Vasconcelos

Odílio Luiz da Silva

Parizza Ramos de Leu Santana

Paulo César Maciel de Moraes

Pedro Pablo Magalhães Chacel

Renato Ângelo Saraiva

Rui Aparecido Tavares da Costa

Sérgo Zerbini Borges

Simônides da Silva Bacelar

Sônia Elizabeth Maria Gadelha Dias

Wendel dos Santos Furtado

Este livro é dedicado a
todas as crianças do mundo
que ainda morrem de
uma doença vergonhosa
chamada
fome.

PREFÁCIO DA 1.ª EDIÇÃO

No ensejo das comemorações de seus 41 anos de instalação, o Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal (CRM-DF) presenteia a categoria com esta inédita publicação no meio médico, de autoria do conselheiro e professor de Anatomia Humana Dr. Armando José China Bezerra.

A intenção do autor não foi retratar, de modo cronológico, a história da Medicina, mas sim descrever, em grande parte por meio de obras de pintores famosos, passagens pitorescas do admirável mundo da Medicina, cujas maravilhas superam, em muito, eventuais horrores.

Do Código de Hamurábi, terrível estatuto penal; da China e Roma antigas, com curiosos instrumentos de trabalho, o leitor toma conhecimento dos primórdios da prática médica e, ao mesmo tempo, tem a possibilidade de avaliar o avanço da ciência e da técnica, ainda que o homem não tenha mudado muito em três mil anos.

Nas obras retratadas, a maioria compreendida entre o final da Idade Média (quando vários acontecimentos passaram a influir decisivamente no desenvolvimento da Medicina) e o Renascimento (destacando-se as pinturas de Leonardo da Vinci, símbolo do homem renascentista, Mathias Grünewald, Rembrandt e Albrecht Dürer e ainda os desenhos anatômicos de Andreas Vesalius), é chamada a atenção do leitor para detalhes que normalmente não são percebidos pelo observador, bem como são descritos os fatos relacionados a cada uma delas.

Além dessas informações, o autor nos brinda com diversas curiosidades do mundo médico intituladas "Talvez você não saiba". Fartamente ilustrada, esta publicação alia beleza, entretenimento e cultura e é para ser guardada para sempre.

Trata-se, portanto, de uma magnífica obra que o CRM-DF orgulhosamente oferece não somente aos apreciadores da arte, mas a todos os que admiram a ciência que tem como valores essenciais a vida e a saúde do ser humano.

A quem este livro é dedicado também revela uma outra dimensão de seu propósito.

Luiz Fernando Galvão Salinas

Presidente do CRM-DF

SUMÁRIO

Nascimento e morte de Jesus Cristo do ponto de vista médico..............15
Doutor Gachet, o médico de Van Gogh 30
Os anões de Velázquez 32
A lição de Anatomia do Dr. Tulp..38
O médico sem cabeça..46
A lição de Anatomia do Dr. Ruysch 48
As proporções do corpo humano segundo Vitruvius 50
As "luvas do amor"...52
A primeira médica: vencendo preconceitos 54
O médico de Toulouse-Lautrec 56
Auto-retrato de Goya com o Dr. Arrieta 58
São Lucas, o patrono da classe médica 60
As "barbies" da Medicina..62
Gás hilariante deu origem à anestesia..64
O Código de Hamurábi 66
A vacina antivariólica e o perigo de nascerem chifres.....................................68
A descoberta da penicilina 70
Cosme e Damião: médicos santificados..72
O significado do R no receituário médico 74
O "umbigo de Eva"..76
Médicos perfumados 80
A origem da expressão "tendão de Aquiles"..82
O mistério da fecundação na Idade Média 84
O surgimento da consulta virtual 86
Necropsia macabra 88
A primeira cesariana da História 90
Timidez excessiva resultou na invenção do estetoscópio.................................92
A descoberta da circulação sangüínea...94
Andreas Vesalius e a sua *fabrica*...96
A Santa protetora das mamas.. 100
Seringa para batizar fetos... 102
Esculápio e Telésforo 104
Os incas e seus crânios trepanados 105
O médico de Frida Kahlo 106
O drama do Doutor 108

Nascimento e morte de Jesus Cristo do ponto de vista médico

A anunciação

Em quase todas as pinturas que retratam a anunciação, o anjo aparece se movimentando da esquerda para a direita em direção à Virgem Maria. Encontramos aí uma interessante curiosidade médica. É a área motora do cérebro que leva os artistas instintivamente a pintar figuras em movimento predominantemente se deslocando da esquerda para a direita do observador. A exceção mais famosa é a da *Anunciação (1575)*, de **El Greco** (**Domenikos Theotokopoulos**), pintor maneirista nascido na ilha de Creta (Grécia), mas que viveu em Toledo e é considerado um dos grandes pintores da Espanha.

A anunciação (1333). Simone Martini (1280-1344). Têmpera sobre madeira, 265 x 305 cm. Galeria Uffizi (Florença)

Anunciação (1489). Sandro Botticelli (1445-1510). Têmpera sobre painel, 150 x 156 cm. Galeria Uffizi (Florença)

Outro fato que atrai a atenção: nota-se que, com freqüência, o anjo Gabriel entrega à Virgem Maria uma flor ou um ramo de algum vegetal, simbolizando o gameta masculino. Ao entregar-lhe a flor (fecundação), o anjo comunica à Virgem seu estado gravídico dizendo: "Ave Maria, cheia de graça, o Senhor está convosco." Em arte, tal representação pictórica é chamada de simbolismo dissimulado.

Primeiros registros de esterilidade e de gravidez de risco

A Virgem visita sua prima Isabel, que era estéril (o primeiro caso de esterilidade registrado nos Evangelhos) e que engravidou pela primeira vez já idosa, ou seja, um caso de gravidez de risco. Zacarias, o marido de Isabel, ao duvidar que ela pudesse engravidar naquela idade, foi emudecido pelo anjo e assim permaneceu até o nascimento do filho.

O feto de Isabel, que viria a chamar-se João Batista, se mexe pela primeira vez no sexto mês de gestação (o usual é por volta do quarto

Natividade (1425). Mestre de Flémalle (Robert Campin) (1378-1444). Óleo sobre madeira, 87 x 70 cm. Museu de Belas-Artes (Dijon)

Natividade – Detalhe da mão direita paralisada da parteira Salomé

mês e meio), quando Maria chega à sua casa e é saudada com alegria por Isabel, que já sabia da gravidez da prima, com estas palavras: "Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre."

Quando Maria entra em trabalho de parto, ela e José estão em Belém para o recenseamento obrigatório de toda a população. Como não há lugar nas hospedarias, se acomodam em uma estrebaria. José procura uma parteira na cidade e encontra Salomé. Quando retorna à estrebaria, o Menino Jesus já havia nascido, mas não há sinais de um parto normal por via baixa. Salomé duvida que tenha sido um parto virginal e insinua que gostaria de examinar Maria. Nesse momento, é castigada com a perda da possibilidade de fletir a mão e o punho. Do ponto de vista médico, o castigo é traduzido como uma paralisia dos nervos mediano e ulnar.

O manto da Virgem

Os pintores costumavam retratar a Virgem Maria vestida sempre com um manto de cor azul; no entanto, no presépio ela aparece freqüentemente com um manto branco, que é a forma pictórica de se representar a virgindade.

A nudez na manjedoura

Era costume na cultura judaica, séculos atrás, enfaixar a criança até os três meses de idade, quando então ela era levada ao templo para ser apresentada ao sacerdote. O costume de enfaixar o abdome das crianças até que caia o umbigo talvez tenha surgido daí e perdura até hoje em algumas cidades do interior do Brasil.

Apresentação de Jesus no Templo (1464). Giovanni Bellini (1426-1516). Têmpera sobre madeira, 80 x 105 cm. Galeria Querini Stampalia (Veneza)

Um costume que rendeu outras obras de arte

Com base neste costume de se enfaixar recém-nascidos, no século XV o escultor florentino **Andrea della Robia** esculpiu, para o orfanato *Ospedale degli Innocenti*, várias imagens de crianças, objetivando ornamentar o pátio interno da instituição. A primeira criança aparece totalmente enfaixada, e a seqüência dos medalhões mostra as demais sendo progressivamente desenfaixadas até que a última fica com os braços livres e abertos, como se clamasse aos visitantes: “Adotem-me.” O orfanato foi transformado no Hospital dos Inocentes.

Crianças (1470). Andrea della Robia (1437-1528). Medalhões (tondos) em terracota esmaltada. Ospedale degli Innocenti (Florença)

Andrea della Robia viveu 91 anos e esculpiu as *Crianças* em 1528. Cada medalhão de terracota tem fundo azul, a cor do Menino em alto relevo é clara e as faixas aparecem em tom de algodão cru.

O símbolo da Sociedade Brasileira de Pediatria

Em 1936, o médico **Adamastor Barbosa**, então presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, encomendou um símbolo para

ornamentar o diploma de sócio da entidade, que naquela época estava completando 26 anos de existência. O autor do desenho se baseou nas crianças de della Robia.

Em 1957, na gestão do **Dr. Martinho da Rocha**, o símbolo foi modernizado, mas manteve a figura do menino enfaixado. Nova modificação foi feita na gestão do **Dr. Walter Telles**, em 1968. Coube a Francisco Confort, *designer* da Casa da Moeda do Brasil, fazer a mais recente estilização.

Logomarca da Sociedade Brasileira de Pediatria (1957). Gerson Pompeu Pinheiro. Rio de Janeiro

Logomarca da Sociedade Brasileira de Pediatria (1968). Francisco Confort. Rio de Janeiro

A circuncisão

Por volta do oitavo dia do nascimento de Jesus, a Virgem Maria o leva a um sacerdote para ser circuncidado. Esse momento marcante na vida de Jesus foi artisticamente representado pelo italiano **Andrea Mantegna**, dentre outros. Num close do sacerdote (cirurgião), identifica-se claramente em sua mão direita um bisturi de lâmina fixa. Na bandeja que lhe é apresentada pela criança que o auxilia (instrumentador), vêem-se uma tesoura e algo que parece ser uma faixa ou atadura.

Circuncisão (1470). Andrea Mantegna (1431-1506). Têmpera sobre madeira em tríptico. Galeria Uffizi (Florença)

Circuncisão. Detalhe da criança segurando a bandeja de instrumentação cirúrgica

Agonia e morte de Cristo

Vamos agora acompanhar os momentos finais da vida do Cristo do ponto de vista médico. Seremos, digamos assim, os médicos legistas do maior Homem que já existiu. O Senhor Jesus começa a morrer por causa do sangramento do couro cabeludo provocado por ferimentos decorrentes da colocação da coroa de espinhos. É importante lembrar que as veias que drenam o couro cabeludo são avalvuladas, o que contribui para que o sangramento da cabeça seja expressivo; some-se a isso a dificuldade de as bordas da ferida na pele se aproximarem espontaneamente (a tendência da ferida é se abrir), o que se deve à tração provocada por dois músculos de ações antagônicas (frontal e occipital), que são unidos pela gálea aponeurótica.

O homem do sofrimento. Aelbrecht Bouts (1460-1549). Óleo sobre madeira, 35,5 x 23,5 cm. Museu de Belas-Artes (Lyon)

O véu de Verônica

Durante a passagem do Cristo pela via dolorosa a caminho do calvário, uma mulher sai da multidão e enxuga o seu rosto sangrante com um véu. As pessoas desejaram identificar esta mulher, da qual não se sabia o nome. A alternativa foi, então, criar um nome para ela. Da junção de *vero* (verdade, em italiano) e *ícone* (imagem) surgiu o nome *Verônica*, ou seja, a mulher que obteve a verdadeira imagem de Jesus.

Dois anjos apresentando a face sagrada (1640). Claude Vignon (1593-1670). Óleo sobre tela, 124 x 170 cm. Museu de Belas-Artes (Rouen)

Crucifixão (1490). Niccolo di Liberatore, ou Niccolo aluno. Igreja de São Venâncio (Camerino)

A crucificação

A pintura de **Niccolo di Liberatore** mostra a gravidade do ferimento transfixante na mão de Jesus. Dois anjos portam um recipiente para aparar o sangue que jorra em abundância. Para que a hemorragia seja tão expressiva, é de se supor que a artéria que a provocou foi a ulnar, rompida provavelmente antes de emitir como ramo terminal o arco palmar superficial.

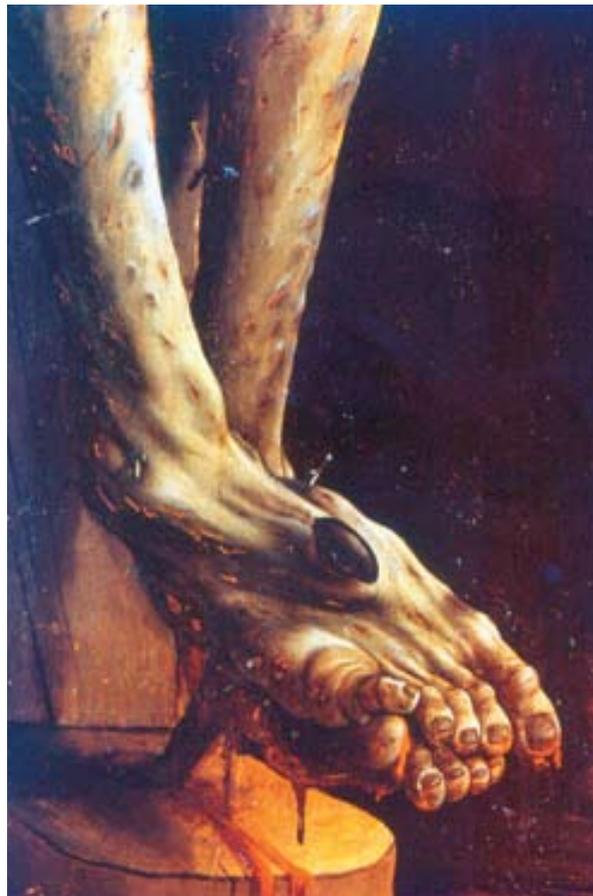
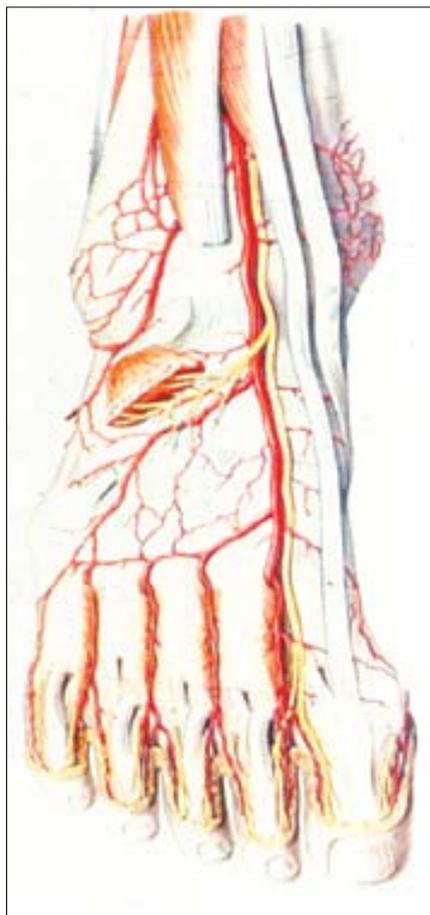
É óbvio que o cravo, ou prego, que prende Cristo na cruz não foi cravado na palma da mão por entre os ossos do metacarpo. Entre estes ossos existem músculos lumbricais e intrósseos

Anatomia da mão. A artéria ulnar (a mais calibrosa e medialmente situada) emite o arco palmar superficial, que se anastomosa com o ramo superficial da artéria radial. Ver as artérias digitais palmares comuns emitindo as artérias digitais palmares próprias.

Esqueleto da mão. Ver ossos do carpo (os que foram provavelmente transfixados pelo cravo quando da crucificação) e os cinco ossos do metacarpo. Um cravo colocado entre estes não seguraria o Cristo na Cruz.

Crucificação. Gotfredo Traller. O tronco do Cristo é uma peça única em cedro. Altura da cruz: 8 m. Envergadura do Cristo: 4,30 m. Paróquia do Santuário Dom Bosco (Brasília)

dorsais e palmares, frágeis e incapazes de sustentar na cruz o corpo de um homem adulto. Do ponto de vista anatômico, um prego, para sustentar o peso de um homem crucificado, teria que penetrar no carpo. Possivelmente, na mão do Cristo o prego foi colocado entre os ossos escafóide, semilunar e capitato. Uma crucificação retratada corretamente pode ser vista em Brasília, na Paróquia do Santuário Dom Bosco, em escultura do artista **Gotfredo Traller**.

A crucificação do altar de Isenheim (1516). Mathias Grünewald (1470-1528) Detalhe do prego transfixando os pés nas imediações dos ossos cuneiformes intermédio e lateral.

A artéria tibial anterior torna-se, a partir do tornozelo, a artéria dorsal do pé. Esta emite a artéria tarsal lateral e a artéria arqueada. Esta, por sua vez, emite as artérias metatarsais dorsais, das quais se originam as artérias digitais dorsais. O cravo deve ter lesado a artéria dorsal do pé e a rede arterial que une a artéria tarsal lateral à artéria arqueada.

Cristo morreu também em decorrência do sangramento provocado pelo rompimento dos vasos sangüíneos do pé. O que levou o pé a sangrar abundantemente? Provavelmente a laceração da artéria dorsal do pé, ramo da artéria tibial anterior, próximo à emergência do ramo tarsal lateral.

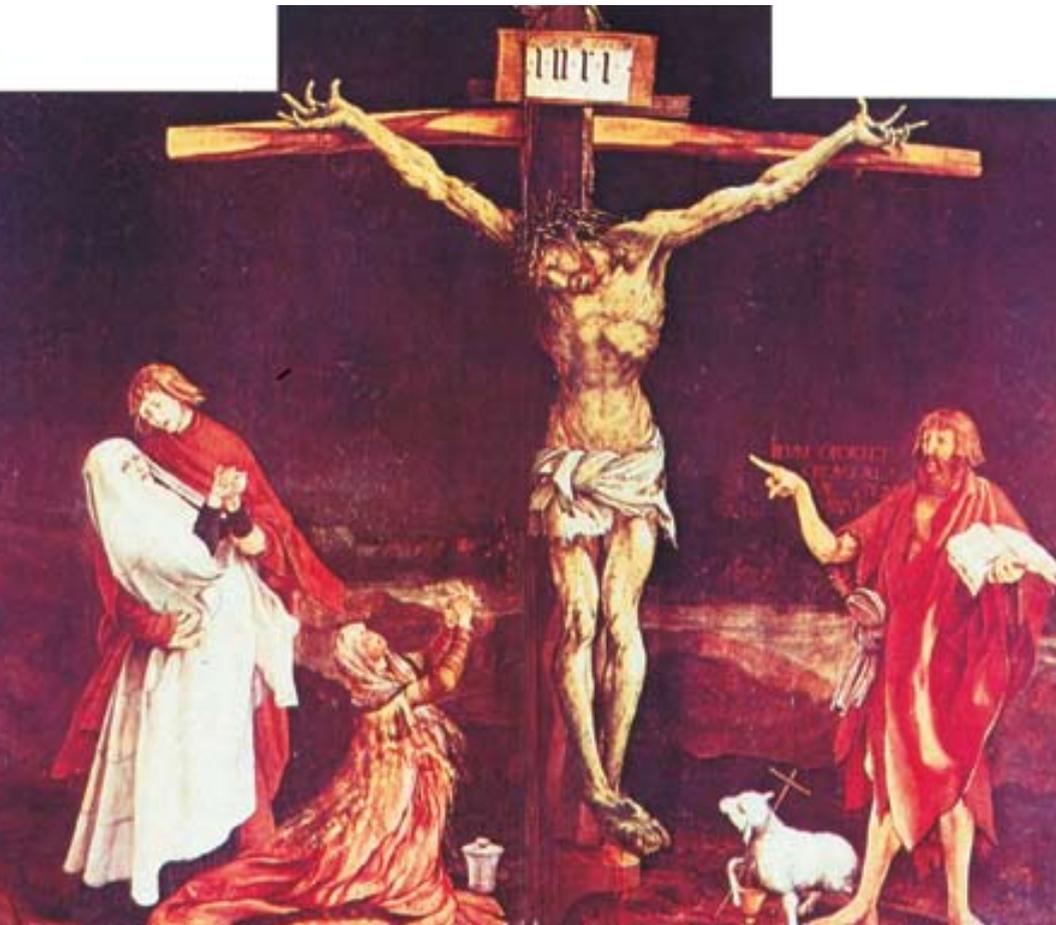
Mathias Grünewald, pintor do Alto Renascimento alemão, pintou um Cristo cujo tronco apresenta múltiplas escoriações, tórax alargado em barril, como se fosse de um enfisematoso, músculos peitorais e intercostais retesados e lábios cianosados, levando a crer que Jesus estava em insuficiência respiratória.

A crucificação do altar de Isenheim (1516). Mathias Grünewald (1470-1528) Detalhe da cabeça e do tronco do Cristo evidenciando múltiplas escoriações. As pregas axilares estão retesadas, o abdome escavado e os lábios bastante cianosados.

Um centurião chamado Longinus (hoje São Longinus) apieda-se do Cristo e decide abreviar o seu sofrimento. Para isso, dá uma lancetada em seu hemitórax direito. Esse momento pode ser visto na belíssima pintura de **Rubens**, um gênio do Barroco flamengo, exposta no Museu Real de Belas-Artes de Antuérpia (Bélgica).

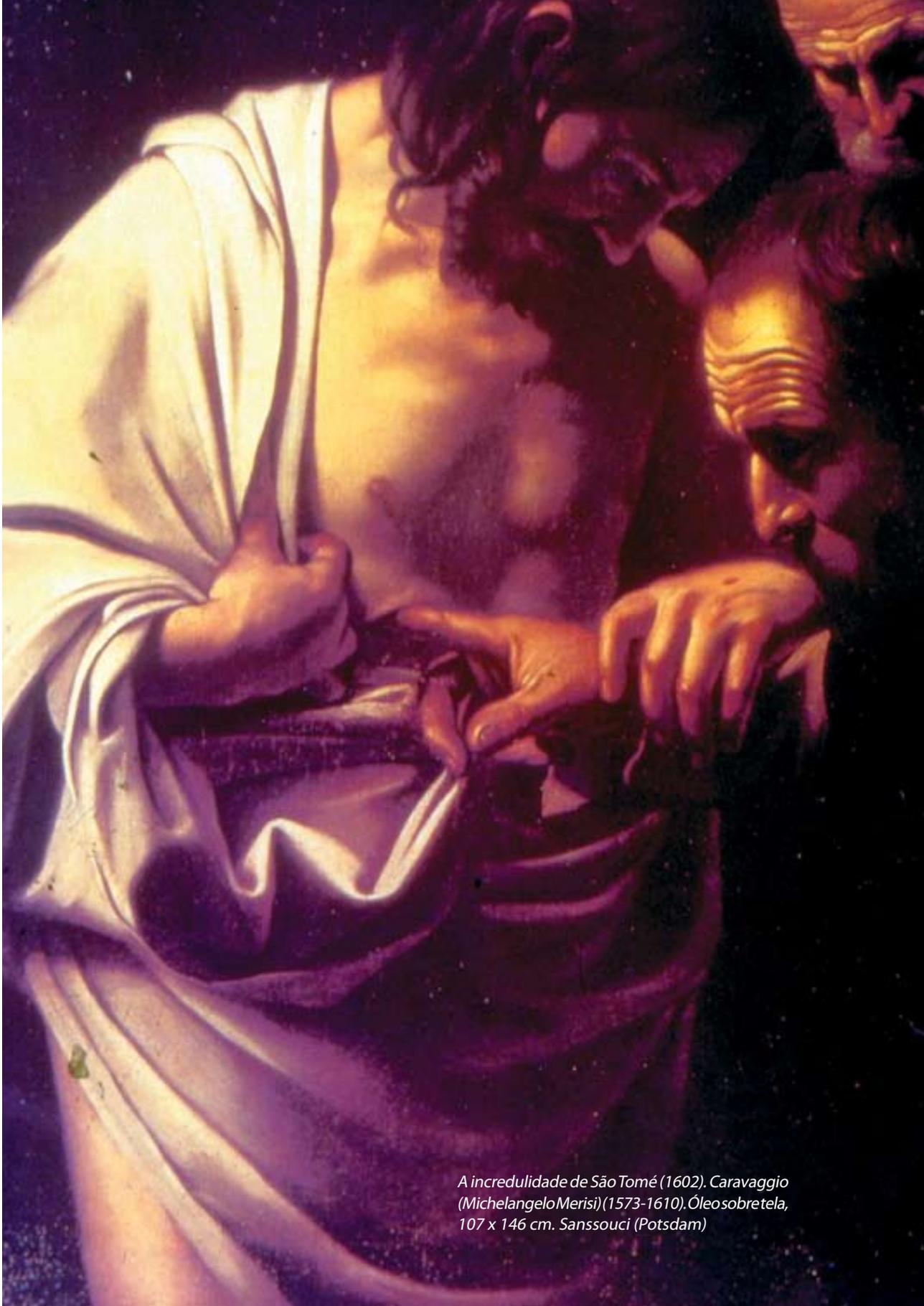
A ferida no hemitórax direito, pintada por **Antonello da Messina**, registra a ferida que deve ter levado o Cristo à morte. Diz o Evangelho que nesse momento jorrou da ferida água e sangue. Pela direção da lança atingindo o mediastino, é de se supor que tenha havido lesão pleural, pericárdica e do coração e vasos da base, o que justifica haver jorrado água (líquido proveniente das serosas) e sangue.

Cristo na cruz entre os dois ladrões (1620). Pieter Pauwel Rubens (1577-1640). Óleo sobre tela, 429 x 311 cm. Museu Real de Belas-Artes (Antuérpia)

Cristo morto sustentado por um anjo, ou Pietá (1475). Antonello da Messina (1430-1479). Óleo sobre tela, 74 x 51 cm. Museu do Prado (Madrid)

A crucificação do altar de Isenheim, ou O Calvário (1516). Mathias Grünewald (1470-1528). Óleo sobre madeira, 269 x 307 cm. Museu d'Unterlinden (Colmar)

Mathias Grünewald registra o desmaio (lipotimia) da Virgem, no momento em que Cristo morre. A representação pictórica da lipotimia da mãe de Jesus está enfatizada na intensa palidez facial que se confunde com a tonalidade da vestimenta branca.

Caravaggio, mestre do Barroco italiano, pintou a obra-prima *A incredulidade de São Tomé*. A história é bem conhecida de todos: Tomé, ao ver Cristo ressuscitado, pede para tocar em sua chaga no hemitórax direito para se certificar de que realmente estava diante do Senhor. Ao tocar na ferida, de bordas ainda sangrando, reconhece estar diante de Jesus, cai de joelhos e diz: "Meu Senhor e meu Deus". Deste fato bíblico surgiu a expressão popular "fazer como São Tomé: ver para crer".

Salvador Dalí, o mestre do Surrealismo, pintou uma tela em que, genialmente, retrata ao mesmo tempo a vida, a morte e a ascensão do Cristo. A cruz flutua sobre o Mar da Galiléia, ou de Tiberíades (que na verdade é o lago de Genezaré, onde passa o Rio Jordão após nascer no Monte Hermon e onde Jesus iniciou sua pregação).

A incredulidade de São Tomé (1602). Caravaggio (Michelangelo Merisi) (1573-1610). Óleo sobre tela, 107 x 146 cm. Sanssouci (Potsdam)

Cristo de São João da Cruz (1951). Salvador Dalí (1904-1989). Óleo sobre tela, 205 x 116 cm. Galeria de Arte de Glasgow

É interessante observar que na cruz, que ascende ao céu, se projeta a sombra do Cristo, mostrando o renascer do sol após as trevas que tomaram conta da Terra no momento em que o Salvador morreu.

Esta obra é uma das raras crucificações que mostram corretamente o pé esquerdo posicionado sobre o direito.

A **Michelangelo Buonarroti**, artista e anatomista italiano, foi encomendado esculpir a *Pietá*, obra em mármore de Carrara que se encontra exposta na capela que homenageia Nossa Senhora da Piedade, na Basílica de São Pedro, em Roma. Ao esculpir o Cristo morto em um bloco de mármore inerte, Michelangelo necessitava despertar nas pessoas um sentimento de piedade. Para que as pessoas que fossem apreciar a obra sentissem dó do Cristo, ele teve de esculpi-lo em tamanho menor do que a Virgem, embora na realidade todos saibamos que ela era menor que Jesus, um homem longilíneo.

Apesar de as pessoas não perceberem tal detalhe quando apreciam a escultura, a Virgem da *Pietá* é muito mais alta e corpulenta do que o Cristo morto. Do ponto de vista médico-legal, isso pode ser comprovado se obtivermos o comprimento do osso da perna (tíbia) e a altura dos ossos do pé (calcâneo e tálus) e confrontarmos esses dados com as tabelas de estimativa de altura corporal existentes nos livros. Vamos nos surpreender com o fato de que a Virgem, se subitamente ficasse de pé, mediria um pouco mais de dois metros. Michelangelo foi mais uma vez genial, pois é natural que tenhamos pena do fisicamente menor, e não do maior.

Pietá (1499). Michelangelo Buonarroti (1475-1564). Mármore de Carrara, altura: 174 cm x base: 195 cm. Basílica de São Pedro (Roma)

Talvez você não saiba

O médico alemão Christian Albert Theodor Billroth (1829-1894) foi o primeiro cirurgião a fazer uma gastrectomia. É considerado o "pai da cirurgia gastrointestinal". Por conta de seu amor à música, residiu na Áustria por muitos anos, tendo lecionado Cirurgia na Universidade de Viena.
Amigo íntimo do compositor Johannes Brahms, revisou, a pedido deste, o "Concerto para piano n.º 2" antes que fosse tocado em público. Executou com Brahms, a quatro mãos, seus sextetos.
Para o criador das técnicas de reconstrução gastrointestinal denominadas Billroth I e II, Brahms dedicou o seu "Opus 51". Billroth dizia: "Ciência e arte jorram da mesma fonte."

Doutor Gachet, o médico de Van Gogh

Nascido em Lille (França), em 1828, filho de um operário da indústria têxtil, **Paul-Ferdinand Gachet** dedicou-se desde cedo ao desenho e a pintar aquarelas.

Retrato do Dr. Gachet (1890). Vincent van Gogh (1853-1890). Água-forte, 18 x 15 cm. Rijksprentenkabinet (Amsterdã)

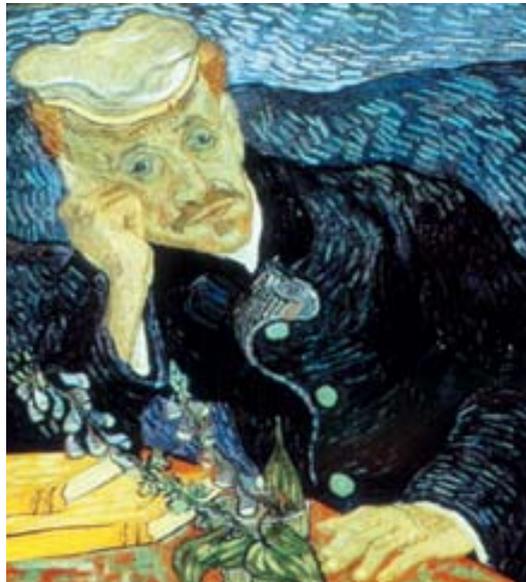
Após uma temporada residindo na Bélgica, muda-se para Paris, onde estuda e gradua-se em Medicina. Logo após sua formatura abre consultório (1858) naquela cidade. A clientela forma-se aos poucos, talvez por ser Dr. Gachet visto como um homem excêntrico no vestir e por cultuar amizade com artistas.

Em 1890, **Vincent van Gogh**, acatando sugestão do amigo e pintor Pissaro, passa a residir não mais em Saint-Rémy-de-Provence (França), mas sim em Auvers-sur-Oise, também na França, objetivando submeter-se a tratamento clínico com Dr. Gachet, conhecido por cuidar de seus pacientes alienados sem interná-los em asilos para insanos.

Gachet, que por questão de sobrevivência mantinha consultório simultaneamente em Paris e Auvers-sur-Oise (nesta seu concorrente médico não lhe dava muito espaço), era então um médico homeopata vivamente interessado em psiquiatria. Sua tese de conclusão do curso médico versou sobre o tema "melancolia".

Durante os 72 dias de tratamento com Dr. Gachet, que antecederam seu suicídio, Van Gogh encontrou em Gachet não apenas um amigo, mas um verdadeiro irmão. Foi o único médico que aceitou receber suas pinturas como pagamento pelas consultas. Em parte, isso deveu-se ao fato de Gachet ser um amante das artes, pintor amador, colecionador de telas impressionistas e amigo de artistas que apreciavam Van Gogh, como Pissaro, Monet e Cézane. Este último pintou várias de suas naturezas mortas no ateliê de Gachet.

Antes de dar o tiro fatal no próprio peito (27 de julho de 1890), o depressivo Van Gogh já havia tentado por três vezes pôr fim à vida, tendo a primeira tentativa ocorrido dois anos antes, quando cortou a orelha e envenenou-se ingerindo tintas e solventes.

Retrato do Dr. Gachet (1890). Vincent van Gogh (1853-1890). Óleo sobre tela, 68 x 57 cm. Museu d'Orsay (Paris)

Retrato do Dr. Gachet (1890). Vincent van Gogh (1853-1890). Óleo sobre tela, 66 x 57 cm. Coleção particular de Ryoei Saito (Tokyo)

Sob os cuidados de Gachet e na companhia do seu irmão Théo, permaneceu agonizante por dois dias, falecendo em 29 de julho de 1890. Em seu leito, aguardando a morte, Van Gogh foi pintado por Gachet. Van Gogh no leito mortuário foi certamente o mais importante quadro expressionista de autoria do artista Dr. Gachet.

O médico faleceu em Auvers-sur-Oise, no dia 9 de janeiro de 1909, aos 81 anos de idade. Tanto Dr. Gachet quando o gênio holandês Vincent van Gogh foram sepultados no Cemitério Público de Auvers-sur-Oise.

Um dos *Retratos do Dr. Gachet*, pintado por Van Gogh poucos dias antes de sua morte, foi leiloado em 1990, pela Christie's, de Nova York, e arrematado por Ryoei Saito, presidente da Indústria de Papel Daishowa, do Japão, pela quantia recorde de **US$ 86,5 milhões**, tornando-se à época o quadro mais caro do mundo já colocado à venda.

Não deixa de ser irônico imaginar que uma obra de arte de tamanho valor tenha sido pintada no período mais mentalmente perturbado da vida de Van Gogh.

Talvez você não saiba

O italiano Santorio Santorio, médico do rei Maximiliano, da Polônia, e amigo de Galileu, inventou o termômetro para medir a temperatura corporal, e o pulsilogium, com pêndulo, para a contagem da freqüência cardíaca.

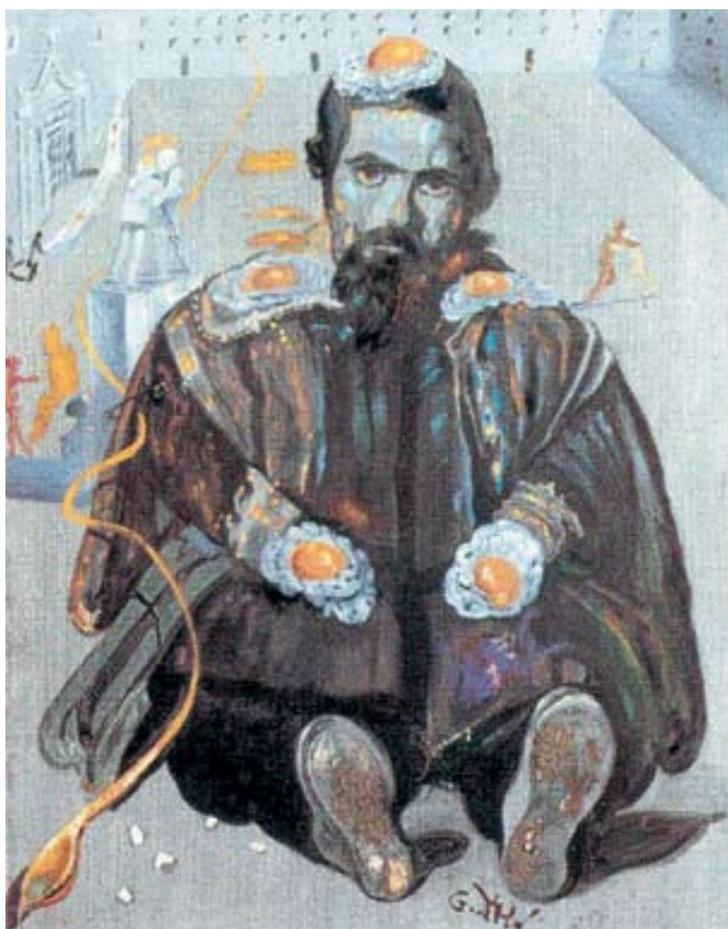
Os anões de Velázquez

Retrato de um anão sentado no chão, ou O anão Sebástian de Morra (1645). Diego Velázquez (1599-1660). Museu do Prado (Madrid)

Os anões têm sido tema para poucos mestres da pintura. Dentre estes destaca-se **Diego Velázquez**. Ele ousou retratar loucos, bufões e anões. Uma tela que chama a atenção é *O anão Sebástian de Morra*, também intitulada *Retrato de um anão sentado no chão*.

Morra era um anão acondroplásico que foi morar no palácio dos reis de Espanha Filipe IV e Isabel de Borbón por uma única razão: servir de diversão para o príncipe Baltazar Carlos. Sua atuação como brinquedo do príncipe durou apenas de 1643 a 1649, uma vez que o herdeiro do trono faleceu precocemente.

Outro anão pintado por Velázquez foi *O menino de Vallecas*. Seu verdadeiro nome era Francisco Lezcano e seu papel na corte também era divertir o príncipe Baltazar Carlos. Fez companhia a Baltazar de 1636 a 1649. Endocrinologistas, analisando a fisionomia do menino de Vallecas, supuseram ter sido ele acometido de cretinismo.

Detrás da janela, à esquerda, de onde sai uma colher, Velázquez agonizante – o anão Sebástian de Morra (1982). Salvador Dalí (1904-1989). Óleo sobre tela com colágeno, 75 x 59,5 cm. Teatro-Museu Salvador Dalí (Figueras)

O anão Francisco Lezcano,chamado "O menino de Vallecas" (1645). Diego Velázquez (1599-1660). Óleo sobre tela, 107 x 83 cm. Museu do Prado (Madrid)

Tal diagnóstico é embasado na fisionomia torporosa do anão, além da palidez, boca entreaberta em decorrência de uma língua tendente à protrusão, nariz chato, pálpebras entumescidas e mãos com mixedema.

Possivelmente, a mais famosa tela do gênio Velázquez seja *As meninas*, que representa uma cena familiar da corte do rei Filipe IV, da qual era pintor oficial. Chamam a atenção, nesta composição artística, a princesa Margarita, o rei e sua então esposa Mariana de Áustria, ambos refletidos no espelho ao fundo, e os anões Mari-Bárbola e Nicolasico Pertusato. Este, para divertir Margarita, coloca um pé sobre o cão de estimação da infanta.

O mais interessante deste quadro é que, na verdade, Velázquez fez seu auto-retrato. É Velázquez o artista visto pintando no lado esquerdo da tela. Sabe-se que, quando Velázquez morreu, o rei mandou levar *As meninas* para seu quarto de dormir e pintou ele próprio, em vermelho, no peito de Velázquez, a grande cruz de cavaleiro da Ordem de Santiago. Filipe IV condecorou, assim, um dos maiores pintores de todos os tempos.

As meninas (1656). Diego Velázquez (1599-1660). Óleo sobre tela, 10,5 x 9,1 polegadas. Museu do Prado (Madrid)

Detalhe da tela As meninas, também intitulada "A família de Filipe IV" (1657). Diego Velázquez (1599-1660). Óleo sobre tela, 318 x 276 cm. Museu do Prado (Madrid)

Talvez você não saiba

Quando se ingere cianeto, este, no estômago, reage com o ácido clorídrico do suco gástrico e libera um gás que, absorvido pelos vasos sangüíneos da mucosa, leva à morte por anóxia química.
O czar Nicolau II nada fazia sem ouvir os conselhos do monge russo Rasputin. Os adversários do czar acharam por bem assassinar Rasputin e envenenaram-no com cianeto de potássio providencialmente misturado a sua comida.
Para surpresa de todos os adversários do czar, Rasputin não morreu. Era portador de deficiência congênita de ácido clorídrico estomacal. A partir deste fato histórico surgiu a expressão "estômago de Rasputin", para designar aquelas pessoas que comem de tudo e nunca têm azia.

As artérias receberam essa denominação porque acreditava-se que, no seu interior, circulava "ar". Foi Cláudio Galeno (132-200 a.C.) quem primeiro observou que pelas artérias fluía, na verdade, sangue.
Galeno nasceu em Pérgamo, na Ásia Menor. Considerado um dos médicos mais atuantes em Roma, foi contratado para atender os gladiadores no Coliseu. Lá, teve oportunidade de dissecar e estudar corpos humanos, tornando-se o maior anatomista de sua época. As afirmações de Galeno sobre Anatomia foram consideradas indiscutíveis até o Renascimento. A expressão farmácia galênica é um tributo ao seu nome. O termo pergaminho deriva de Pérgamo, haja vista que toda receita médica era, naquela região, manuscrita em pele de ovelha (pergaminho).

Herófilo (335-280 a.C.) e Erasístrato (310-250 a.C.) aprenderam muita anatomia porque dissecaram vários criminosos ainda vivos na prisão real de Alexandria. Tudo pelo bem da ciência.
Herófilo, considerado o "pai da Anatomia", foi o primeiro a descrever em detalhes o encéfalo, fazendo distinções entre o que era cérebro e cerebelo. Foi o primeiro também a descrever o duodeno, dando-lhe este nome por medir esta parte do intestino o equivalente a aproximadamente 12 dedos em largura.
Erasístrato é considerado o "pai da fisiologia". É dele a afirmação de que o sangue circulava nas veias e o ar nas ar... ar... artérias.

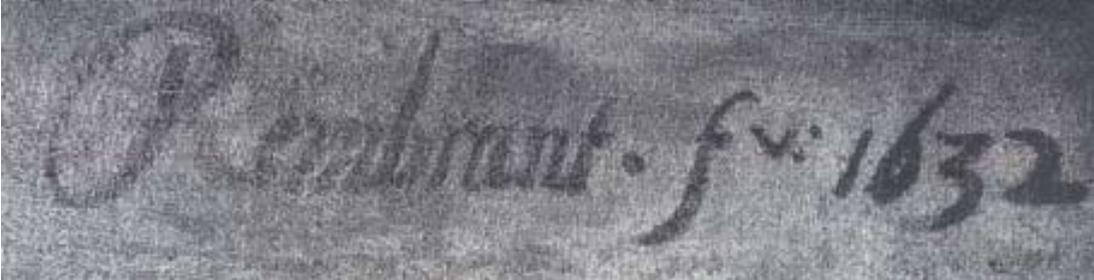
A primeira traqueostomia praticada no mundo foi feita pelo médico francês Armand Trousseau (1801-1867), no Hôtel-Dieu, um dos mais importantes hospitais de Paris. A paciente foi sua ex-esposa, que tentara o suicídio deprimida com a separação de Trousseau.

A lição de Anatomia do Dr. Tulp

(Versão corrente)

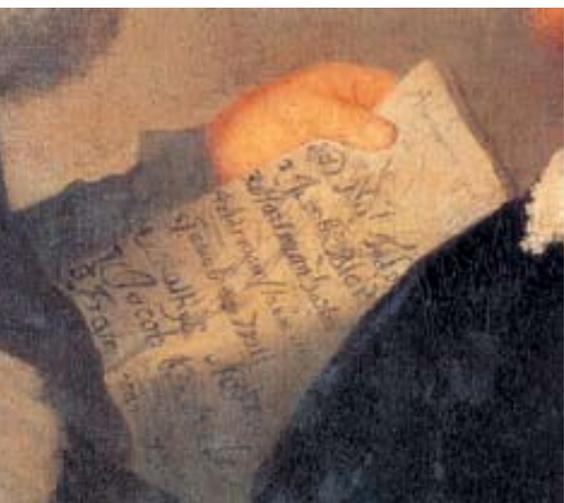
A Lição de Anatomia do Dr. Nicolaes Tulp (1632). Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1666). Óleo sobre tela, 169,5 x 216,5 cm. Museu Mauritshuis (Haia)

Pintado em 1632 por **Rembrandt van Rijn**, este óleo sobre tela traz uma surpresa após outra quando é examinado detalhadamente. Vamos começar pela assinatura do pintor: Rembrandt achou sua obra tão bela que, para não maculá-la, preferiu não colocar sua assinatura como se faz usualmente. O nome do pintor e a data em que a pintura foi concluída podem ser vistos em um quadro de avisos pendurado na parede ao fundo do laboratório de Anatomia. Certamente foi uma idéia bastante original.

Nota-se na pintura que o aluno mais próximo do **Dr. Nicolaes Tulp** tem à mão uma folha de papel, na qual imaginava-se que

Detalhe da assinatura de Rembrandt e da data do término da obra (1632)

estavam escritos os nomes dos músculos do antebraço que estão sendo mostrados. Essa primeira impressão se desfaz quando, em close, vêem-se claramente números dispostos de cima para baixo seguidos de nomes de pessoas. Assim, o primeiro nome da relação é o do Dr. Tulp. Como foi possível chegar a esta constatação? Correndo os olhos aguçadamente pela tela, percebe-se que, imediatamente acima do chapéu do Dr. Tulp, há uma pincelada grafando o número 1. Se olharmos com atenção sobre a cabeça dos alunos, também encontraremos números, o que nos permite, na atualidade, identificar quem eram os alunos do Dr. Tulp há quase 400 anos.

Detalhe da parede na qual está o quadro de avisos com a assinatura de Rembrandt tendo ao lado a data de 1632

Detalhe da folha de papel contendo os nomes dos anatomistas

Close da fisionomia do Dr. Tulp. Acima do seu chapéu está pincelado o número 1

Close do aluno Adriaen Slabbraen, na pintura identificadopelonúmero4

É interessante observarmos também que o antebraço dissecado evidencia os músculos anteriores e superficiais do antebraço, os tendões do músculo flexor superficial dos dedos se apresentam claramente bifurcados e se inserindo nas falanges médias dos dedos 2, 3, 4 e 5 da mão esquerda. Observamos também que os tendões do músculo flexor profundo dos dedos estão passando através das bifurcações dos tendões do músculo citado anteriormente, indo se fixar nas falanges distais dos dedos 2, 3, 4 e 5.

Ora, sabemos que os músculos flexores superficiais do antebraço se originam do epicôndilo **medial** do úmero. Porém, na pintura eles estão nascendo do epicôndilo **lateral**, o que não é anatomicamente correto. Do epicôndilo lateral do úmero se originam os músculos extensores e supinadores do

Detalhe dos tendões bifurcados dos músculosflexoressuperficialeprofundodos dedos. Atentar para o fato de que a aula é de demonstração, e não de dissecação anatômica.Tulptemnamãodireitaumapinça, e não um bisturi.

antebraço. Assim, a lição de Anatomia do Dr. Tulp contém um erro onde menos se poderia esperar.

Outra curiosidade sobre a obra é que o corpo dissecado pertencia a um homem enforcado por roubo, chamado Aris Kint. O cadáver foi doado para estudo de Anatomia, como era usual naquela época acontecer com os criminosos condenados à morte.

A lição de Anatomia do Dr. Tulp está exposta no *Museu Mauritshuis*, em Haia, cidade da Holanda. A casa onde funciona o Museu pertenceu ao colonizador Maurício de Nassau, e no subsolo se encontram expostas gravuras de **Debret** enfocando o Brasil.

A verdadeira história

Nicolaes Tulp sucedeu **Johan Fonteijn** como professor de Anatomia em Amsterdã. Sua segunda aula foi ministrada em 31 de janeiro de 1632. Provavelmente esta é a aula retratada por Rembrandt, haja vista que naquele dia um cadáver fora disponibilizado para o ensino. Tratava-se do corpo de Adriaan Adriaansz, também conhecido por Aris Adriaenzs, Het Kint ou Aris Kint, um ladrão que fora enforcado.

Ao longo do tempo, mais de 21 restaurações foram feitas na pintura. A última, em 1998, usando raios X, microscopia eletrônica e cromatografia a gás, dentre outras modernas técnicas, trouxe à tona dados até então desconhecidos. A cabeça de Hartman Hartmansz (número 3), que segura a folha de papel com os nomes dos cirurgiões que assistiam à dissecação, foi inicialmente pintada em um nível mais alto que o atual. Rembrandt, achando que assim ficaria antiestético, pintou-o definitivamente num nível mais baixo.

O cirurgião que aparece como a personagem mais no alto do quadro chamava-se Frans van Loenen (o número 8) e tinha na cabeça, inicialmente, um chapéu igual ao do Dr. Tulp. Rembrandt preferiu apagar o chapéu de Frans antes de dar por encerrada a pintura, objetivando com isso engrandecer a figura de Tulp. Somente ele, como professor, usa o acessório no recinto fechado.

Quando o quadro já estava praticamente terminado, houve um pedido para que mais um aluno fosse acrescentado ao grupo. Tratava-se do cirurgião Jacob Koolveld (o número 7), que foi pintado na extremidade esquerda da tela. A imagem por raios X o mostrou pintado por sobre a camada final de verniz.

Jacob de Witt (o número 5), cuja gola quase toca o nariz do cadáver, teve sua cabeça bastante deslocada para a frente na versão final do quadro, para tornar-se assim mais próximo do antebraço dissecado. As personagens pintadas em definitivo, ou seja, sem qualquer modificação por Rembrandt ao longo da execução do trabalho, foram Jacob Blok, Matthys Evertsz Kalkoen (o número 6) e Adriaan Slabbraen.

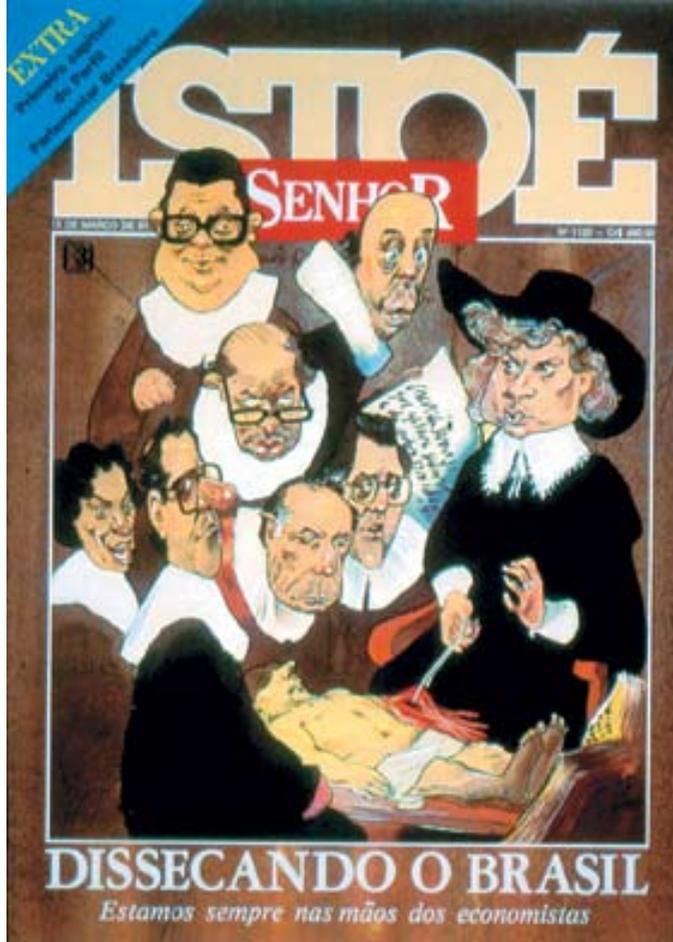
Estudiosos da pintura restaurada acreditam que o braço esquerdo pintado não é o braço de Aris Kint, mas de um outro cadáver previamente dissecado por Tulp. Atente-se para o fato de que o antebraço esquerdo é maior que o direito. Os números e os nomes dos cirurgiões pintados na folha que é segurada por Hartman não foram pintados por Rembrandt, mas muito provavelmente pelo restaurador Jurriaan Pool, em 1700, atendendo possivelmente a um pedido do Colégio de Cirurgiões, com o objetivo de que os nomes dos médicos não viessem a cair no esquecimento.

Na folha onde foram acrescidos números e nomes havia, pintado por Rembrandt, um membro superior dissecado no qual evidenciam-se músculos. Na recente restauração, nomes e números foram quase apagados para que o membro pintado por Rembrandt obtivesse destaque. O membro pintado na folha segurada por Hartman não é o de Aris Kint, tema da aula.

A mão direita do cadáver inicialmente não tinha dedos, segundo mostrou o raio X da pintura. Possivelmente Rembrandt a pintou posteriormente com base na mão de outra pessoa. É uma mão delicada, de unhas bem cortadas, nada lembrando a de um ladrão. Pintar a mão humana é difícil, e talvez por isso a mão direita do ladrão tenha sido o último detalhe a ser pintado. Existe também a possibilidade de Aris Kint ter tido a mão direita cortada quando ainda vivo, pois no século XVII, em algumas situações, havia na Holanda a prática jurídica de se amputar a mão do ladrão como pena prévia à pena capital.

Os nomes de todos os anatomistas aqui citados foram escritos em holandês de 1632. No holandês atual, Blok é Block, Adriaan é Adriaen, Witt é Wit, Matthys Kalkoen é Matthijs Calkoen e Koolveld é Colevelt.

Inspiração para a sátira política e econômica

Charge publicada em revista brasileira mostrandoFernando Henrique (no papel de Tulp) e Itamar Franco (no papel de Aris Kint)

Charge publicada em revista brasileira mostrando a ex-ministra da Fazenda Zélia Cardoso de Mello (no papel de Tulp) e o ex-ministro da Saúde José Serra (no papel de Hartman, o que segura a lista com os nomes dos alunos)

Charge publicada em revista brasileira mostrando o ex-ministro Antônio Carlos Magalhães sobre José Serra e ao lado do ex-ministro da Fazenda Pedro Malan, este último no papel de Hartman

Charge publicada em revista brasileira mostrando Bill Gates (no papel de Aris Kint), sendo estudado pelas multinacionais da informática

Charge publicada em revista brasileira mostrando PC Farias como Aris Kint e Pedro Collor como Tulp

Talvez você não saiba

Coube a Lazzaro Spallanzani (1729-1799), professor da Universidade de Pavia, a iniciativa de fazer a primeira pesquisa científica em um ser humano sobre a fisiologia da digestão. Ele engoliu saquinhos de pano, tipo sachês, contendo diferentes alimentos, provocou o vômito após um certo tempo e observou a ação do suco gástrico sobre tais alimentos.

Em 1667, o médico francês Jean-Baptiste Denis (1620-1704) transfundiu o sangue de um carneiro para um paciente. Esta primeira transfusão da História objetivou repor a volemia de um doente vítima de uma sangria terapêutica exagerada.

O atual Museu Britânico, em Londres, surgiu do crescimento exagerado do acervo da biblioteca particular do médico Sir Hans Sloane, um baronete inglês que presidiu a Sociedade Real de Medicina.

Somente depois que a vacina contra varíola havia sido amplamente testada em criminosos e crianças órfãs, no ano de 1722, é que os príncipes da Inglaterra se submeteram à inoculação. Cautela real.

Quando Cristóvão Colombo voltou doente à Espanha, vindo do Haiti, trazia no navio uma tripulação de cor tão feia que pareciam verdadeiros mortos. A cor amarela, lembrando açafrão, que os homens apresentavam na pele era atribuída à sede pelo ouro da terra conquistada, ou porque haviam se contaminado com os nativos amarelados que foram obrigados pelos espanhóis a trabalhar nas minas de ouro. Alguns pensavam que a cor fosse causada pelos alimentos que comiam, como lagartos e outros animais silvestres. De um milhão de haitianos restaram apenas 4.000. Colombo conheceu na pele a febre amarela.

Os egípcios acreditavam que as fezes contidas nos intestinos eram a matéria pecaminosa do organismo humano que, acumulada, acarretaria a putrefação e a morte do corpo. Cabia aos médicos evacuá-la, valendo-se para isso de enemas, supositórios e purgantes. A lavagem intestinal era considerada o "embalsamamento dos vivos", haja vista proporcionar aos pacientes as benesses de uma vida longa na Terra. O embalsamamento pós-morte garantia exclusivamente a vida eterna.

O médico sem cabeça

Sucessor do **Dr. Tulp**, e obviamente vaidoso, **Dr. Jan Deijman** (**Deyman**) também contratou **Rembrandt** para pintar sua lição de Anatomia. Infelizmente, seu rosto não ficou para a posteridade por meio deste quadro, datado de 1656, porque um incêndio danificou a obra que estava exposta no Colégio Médico de Amsterdã. Para recuperar o quadro, dando-lhe estética, os especialistas em restauração foram obrigados a recortar a cabeça queimada do anatomista.

É possível supor que havia mais pessoas na cena porque o assistente, Kalkoen, estava com a mão direita estendida e supinada para alguém.

A lição de Anatomia do Dr. Deijman, ou Deyman (1656). Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1666). Óleo sobre tela, 113 x 135 cm. Museu Histórico de Amsterdã
Nesta tela, o Dr. Deijman, após ter o rosto queimado, foi decapitado pelos restauradores da obra. Suas mãos permaneceram intactas retirando a foice do cérebro (meninge), do espaço formado pela fissura longitudinal. Os dois hemisférios cerebrais podem ser facilmente identificados.

A lição de Anatomia do Dr. Deijman é raríssma, pois trata-se de uma neurodissecação (observe os cabelos sobre o abdome do cadáver). A calota craniana está na mão de Gijsbert Kalkoen, filho de Matthys Evertsz Kalkoen, este também pintado por Rembrandt em *A lição de Anatomia do Dr. Tulp*.

Outra raridade: talvez esta seja a única lição em que o corpo é colocado sobre a mesa na posição podo-cranial. Para pintar o cadáver nessa perspectiva, *Rembrandt* provavelmente se inspirou na pintura *O Cristo morto*, de **Mantegna**, ou se baseou na pintura *São Marcos encontra o próprio corpo*, de **Tintoretto**.

A lição de Anatomia do Dr. Deijman, ou Deyman recriada por computador pelos pesquisadores Norbert Middelkoop e Thijs Wolzak. (Amsterdã)

Talvez você não saiba

Petrus Hispanus, graduado pela Universidade de Montpellier, na França, foi o único médico a ocupar a mais relevante posição hierárquica eclesiástica. Ele foi o Papa João XXI.

No dizer de René Descartes, falecido em 1650, é na diminuta pineal que se aloja a alma humana enquanto usufruímos nosso tempo de vida terrena.

A lição de Anatomia do Dr. Ruysch

O quadro, pintado por **Jan van Neck** em 1683, é a única pintura de lição de Anatomia que retrata não o cadáver de um adulto, mas de um natimorto. É um quadro tipicamente holandês, com coloração escura usada propositadamente para que o feto se destaque.

Curiosamente, está presente à aula de Anatomia uma criança. Trata-se do jovem **Hendrick**, filho do **Dr. Frederik Ruysch (1638-1731)**, na ocasião com 10 anos de idade. Hendrick, que auxiliava Ruysch nas preparações anatômicas e depois também tornou-se médico, tem em suas mãos um esqueleto de um recém-nascido. Ruysch é considerado o médico holandês que melhor fazia preparações anatômicas.

O museu particular de Anatomia do médico era reconhecido como um dos mais perfeitos da Europa. Aqui começa outra particularidade interessante relacionada ao artista. O czar da Rússia, Pedro I, o Grande, era um notório incentivador das artes em seu país. Sabendo da existência do museu de Anatomia do Dr. Ruysch, foi ao encontro do médico com a proposta de adquirir o seu acervo. Ruysch concor-

A Lição de Anatomia do Dr. Frederik Ruysch (1683). Jan van Neck (1635-1714). Óleo sobre tela, 142 x 203 cm. Museu Histórico de Amsterdã

dou e vendeu seus espécimes dissecados ao czar. O transporte do material para São Petesburgo (cidade fundada em 1703 por Pedro I, para onde foi transferida a capital imperial da Rússia) foi por navio através do Mar Báltico.

Durante a viagem, com o balanço da embarcação e o calor que fazia nos porões, o álcool contido nos recipientes nos quais estavam mergulhadas as peças anatômicas evaporou e derramou. Quando os espécimes chegaram a São Petesburgo, Pedro, o Grande percebeu que muitas peças estavam estragadas porque não havia álcool nos recipientes. Ele supôs que alguns marinheiros tivessem ingerido o álcool e ordenou a execução de vários deles.

Em São Petesburgo está um dos maiores museus de arte do mundo: o Hermitage.

Talvez você não saiba

Na Itália, país da dança tarantela, a doença de São Guido, ou epidemia dançante, era chamada de tarantismo por acreditar-se serem os pacientes vítimas de picada da aranha tarântula. No Nordeste brasileiro, o termo atarantado (perturbado) parece derivar de tarântula.

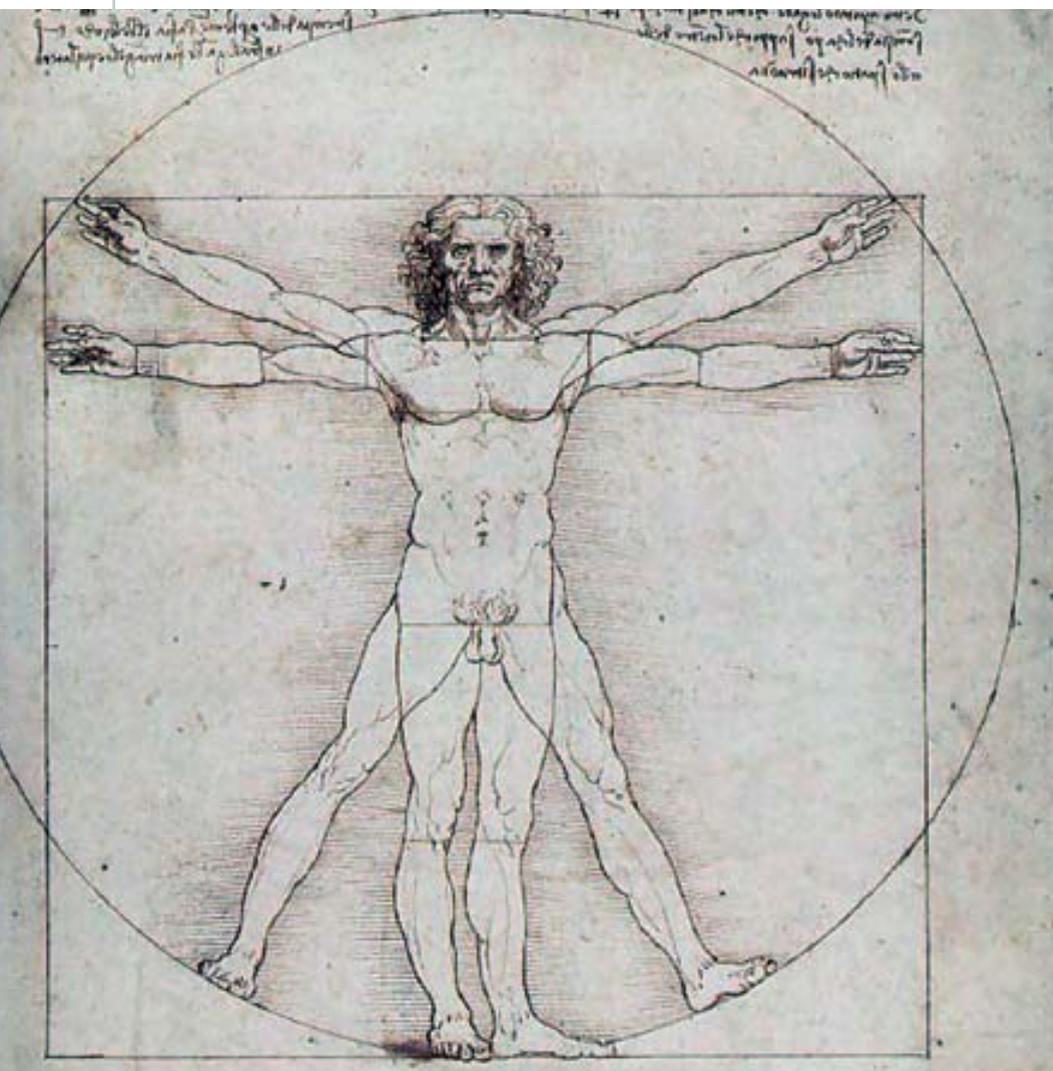
Conta-se que, certa vez, o duque Henrique I, da Bavária, procurou enganar o Dr. Notker, o médico medieval mais famoso em diagnosticar por meio do exame de urina. Para ele enviou, como sendo sua, a urina de uma grávida. Notker, percebendo a gozação, emitiu o seguinte laudo: "Deus está por fazer o retumbante milagre de um homem vir a dar à luz uma criança."

O verdadeiro nome de Paracelso (1668-1738), que integrou o quadro de professores da Escola de Medicina de Montpellier, era Philippus Teophrastus Bombastus von Hohenheim. Ele optou por chamar-se Paracelso por se achar mais culto que Celso (Aulus Cornelius Celsus – 53 a.C.), o escritor e médico romano que descreveu pela primeira vez a tétrade da inflamação: dor, rubor, tumor e calor.

O cirurgião francês Ambroise Paré, famoso por ter abolido o ferro em brasa para cauterizar e estancar hemorragia em ferimentos por arma de fogo, foi o primeiro a realizar cirurgia de hérnia inguinal sem castração. Graças a Deus.

As proporções do corpo humano segundo Vitruvius

Esta gravura conhecidíssima, de autoria de **Leonardo da Vinci**, é uma homenagem ao arquiteto romano Marcus Vitruvius Pollio, responsável por projetar os aquedutos na Roma antiga. Vitruvius acreditava que, se a população tivesse acesso a água potável, cairiam a mortalidade infantil e a mortalidade como um todo. Foi, portanto, segundo a História, quem primeiro imaginou fornecer água às casas por meio de aquedutos.

As proporções do corpo humano segundo Vitruvius, também intitulada Homem de Vitruvius (1492). Leonardo da Vinci (1452-1519). Desenho à caneta e lápis sobre papel, 34,3 x 24,5 cm. Galeria da Academia (Veneza)

Vitruvius escreveu também um livro afirmando que um homem com as pernas e os braços abertos caberia perfeitamente dentro de um quadrado e de um círculo, figuras geométricas perfeitas, e que o centro do corpo é o umbigo.

Da Vinci desenhou as dimensões do homem no Universo (representado pelo círculo) e a obra tornou-se o mais famoso desenho de proporções do corpo humano no mundo.

Exposto no museu do Castelo de Windsor (Inglaterra), o desenho de Leonardo intitulado *O feto no útero (1512)*, por milagre não foi queimado há alguns anos, quando houve um grande incêndio no local. Curiosamente, a placenta mostrada nesta gravura não é de mulher, mas sim de vaca. Leonardo nunca dissecou um corpo humano feminino.

O feto no útero (1512). Leonardo da Vinci (1452-1519). Pena e tinta com aquarela sobre g iz preto e vermelho. Castelo de Windsor

Talvez você não saiba

O diploma de médico foi regulamentado, em Roma, no século III d.C. Somente era fornecido aos estudantes de Medicina que apresentassem atestado policial de boa conduta, que não tivessem tirado férias prolongadas durante o curso e que não fossem freqüentadores de bordéis.

Na Roma Imperial havia cirurgiões (plásticos?) especializados em refazer o prepúcio em judeus circuncidados que pretendiam ocupar cargos públicos romanos.

Equivalente ao estetoscópio nos dias atuais, na Idade Média o mais marcante emblema do trabalho médico era o frasco para coleta e exame visual da urina (uroscopia por transiluminação natural). Todo médico portava consigo, presa ao cinto, a garrafinha para uroanálise.

As "luvas do amor"

Uma história de amor platônico foi a responsável pelo surgimento, no século XX, das indispensáveis luvas cirúrgicas. Dr. William Stewart Halstedt (1852-1922), cirurgião americano, à época chefe do Departamento de Cirurgia do John Hopkins Hospital, em Baltimore (EUA), era um solteirão que se apaixonara secretamente por uma enfermeira, Caroline Hampton, que o auxiliava nas cirurgias. Como naquela época a preparação para a cirurgia exigia dos profissionais a lavagem das mãos com soluções antisépticas, já que não havia luvas, a enfermeira Carol desenvolveu uma dermatite de contato com tais substâncias.

Arte fotográfica: Caroline (a enfermeira mais alta) auxiliando o Dr. Halstedt (à sua frente)

Com as mãos feridas, ela não podia mais auxiliar nas cirurgias, para desespero do Dr. Halstedt, que só aceitava operar se fosse com a ajuda dela, tamanha era a paixão por Carol e a segurança que ela lhe transmitia. A apreensão do Dr. Halstedt não durou muito. Em busca de uma solução para aquele terrível conflito, ele procurou um microempresário chamado Goodyear – que mais tarde viria a ser

um dos maiores fabricantes de pneus do mundo – e pediu-lhe que fabricasse um par de luvas de borracha. O *design*, obviamente, não era dos mais atraentes. Imaginando que Caroline ficaria constrangida por somente ela usar as rudimentares luvas pretas, o cirurgião encomendou pares para todos os outros auxiliares.

A partir do uso contínuo das luvas, Dr. Halstedt constatou que as infecções pós-operatórias praticamente desapareceram. Ele, então, determinou que em todas as cirurgias fossem usadas as luvas. Essa prática logo se disseminou pelo mundo. Voltando à paixão cada vez maior do Dr. Halstedt por Caroline, ele finalmente conseguiu conquistá-la, casaram-se e moraram na cobertura do John Hopkins Hospital até a morte dele, por colecistite aguda. O interessante é que o cirurgião ficou famoso não por conta da invenção das luvas cirúrgicas (chamadas durante muito tempo de "luvas do amor"), mas por ter criado a técnica cirúrgica da **mastectomia radical**. Halstedt foi também o criador da **residência médica** em cirurgia geral no mundo.

Talvez você não saiba

A pirâmide escalonada, ou em degraus, de Sakkara, a mais antiga do mundo, foi projetada e construída pelo "médico" e também arquiteto egípcio Imhotep, por volta de 2980 a.C.

O correto símbolo da Medicina é uma única cobra enroscada no bastão com o qual Esculápio, o deus da Medicina, se apoiava ao andar pelos caminhos pedregosos da Grécia. Hígia, a deusa da Saúde (do seu nome deriva a palavra higiene), e Panacéia, a deusa da Cura, se destacaram entre os filhos de Esculápio.

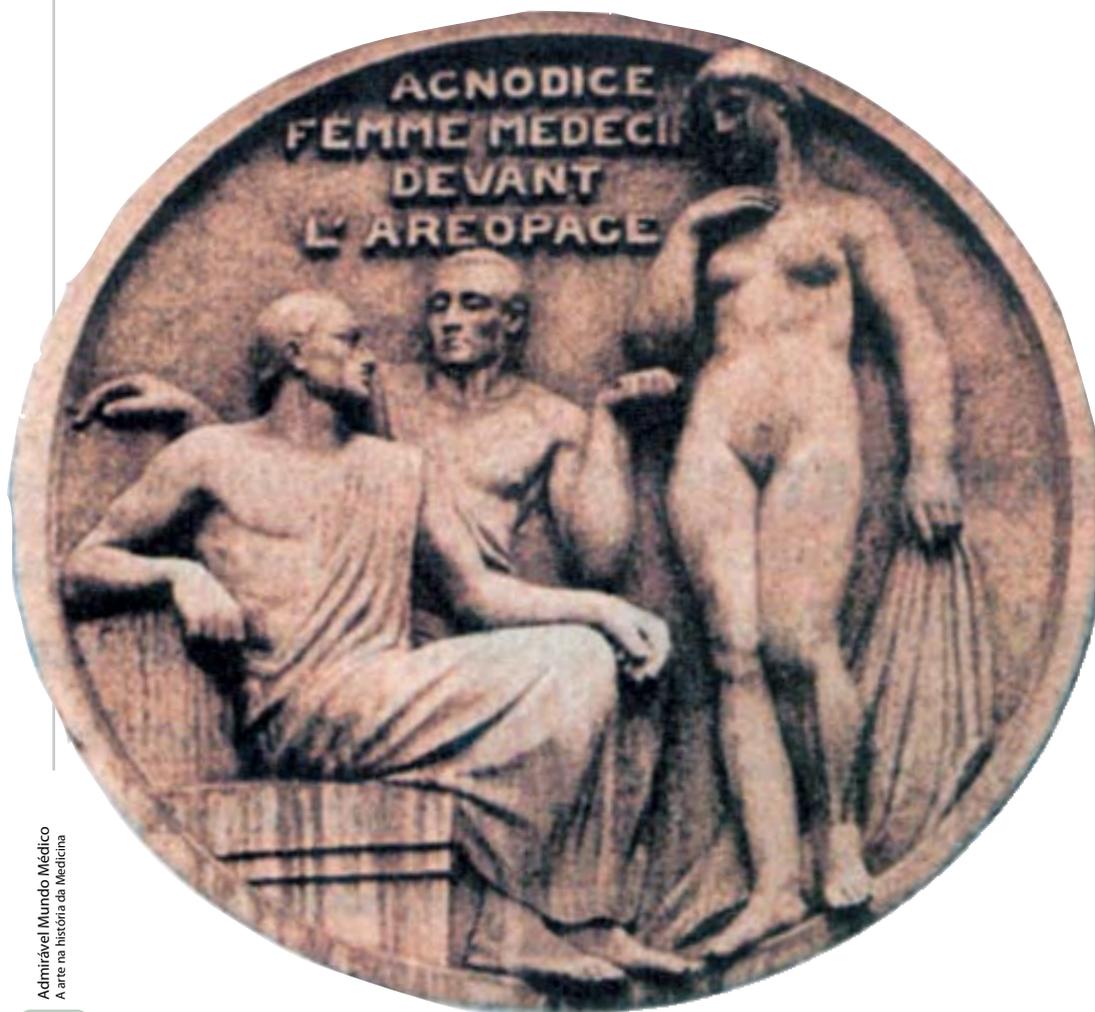
No Egito antigo, o médico proctologista era intitulado o "guardião do ânus". Em Roma, as mulheres idosas de pescoço pregueado (anelado) eram chamadas de anus (do latim annulus). Hoje são conhecidas por "coroas".

Os embalsamadores egípcios preparavam as múmias humanas retirando o cérebro com ganchos introduzidos através das narinas. Por uma incisão lateral no abdome, as vísceras do tronco eram retiradas, exceto o coração, que era mantido no mediastino por ser considerado o centro da personalidade do morto.
A cavidade corporal era recheada, dentre outros, com sal, mirra, cebola e serragem. Após permanecer mergulhado por 70 dias em um banho de soda, o corpo era enfaixado e posto em um sarcófago.

A primeira médica: vencendo preconceitos

Agnódice ou Acnodice, que viveu na Grécia antiga, tinha o forte desejo de ser médica. Acontece que o exercício da Medicina, naquela época, era terminantemente proibido para as mulheres. O que fez então Agnódice para concretizar o seu sonho? Viajou a Roma, onde aprendeu a fazer partos, obtendo conhecimentos básicos de ginecologia e obstetrícia.

Como colocar em prática em seu país os conhecimentos adquiridos sem ser punida? A solução foi radical: Agnódice voltou à Grécia travestida de homem e sentiu-se segura desta forma para exercer a Medicina. Sua competência logo atraiu inúmeras clientes, despertando o ciúme dos outros médicos. Raivosos com Agnódice e acreditando que ela realmente fosse homem, eles a acusaram falsamente de estar praticando atos libidinosos com as pacientes.

Arte em relevo. Medalhão exposto na nova Faculdade de Medicina (Paris)

Levada ao tribunal (areópago), ela tentou se defender da falsa acusação; porém, quando percebeu que seria condenada à morte, despiu-se diante do juiz e dos jurados. Imaginem a surpresa e a comoção causadas por essa atitude extrema! O juiz reconheceu a injustiça que estava sendo cometida contra Agnódice, livrou-a da acusação e, melhor que isso, promulgou uma lei determinando que, a partir daquele momento, as mulheres teriam o direito de praticar a Medicina na Grécia. Graças à atitude ousada e corajosa de Agnódice, as mulheres hoje são maioria na profissão.

Talvez você não saiba

Hipócrates, o "pai da Medicina", viveu de 460 a 380 a.C. Filho do médico Heracleides e neto de Hipócrates, para ele o que importava era o homem doente e o ambiente que o cercava, não a doença.
Ao estudar a "moléstia sagrada", hoje epilepsia, Hipócrates separou a filosofia e a religião da Medicina. Ele concebeu a doença como um processo de causas naturais, e não divinas ou sagradas. Dessa forma, defendia que uma boa Medicina dependia não de religião, mas de uma boa observação médica.
Nascido na ilha grega de Cós, na costa da Turquia, difundiu 412 aforismos, dentre os quais destacamos esta preciosidade: "Se uma mulher saudável pára de menstruar e sente enjôo, está grávida." Este aforismo continua atual.
O Facies Hippocratica, por ele descrito e sugestivo de morte iminente, é caracterizado por nariz afilado, têmporas e olhos fundos, sudorese, pele fria e palidez cutânea.
O Juramento de Hipócrates foi o grande incentivo para a elaboração dos códigos de moral e ética da prática profissional atual.

Em 7 de abril de 1853, o clorofórmio passou a ser o anestésico da moda quando a rainha Vitória, com medo da dor que iria sentir ao parir o príncipe Leopoldo, pediu ao Dr. John Snow que a anestesiasse.
A rainha pôs por terra o pensamento vigente à época de que privar os ouvidos de Deus dos gritos da parturiente era garantir que ela jamais amaria o filho. John Snow tornou-se assim o primeiro especialista em anestesia do mundo.

O cirurgião londrino Robert Liston (1794-1847), conhecido como "o relâmpago", marcava no cabo do bisturi cada amputação que fazia, todas, para seu orgulho, com menos de três minutos. Obviamente, quanto maior sua rapidez, menos dor o paciente sentia. Foi o primeiro a operar com anestesia na Inglaterra.

O médico de Toulouse-Lautrec

O pintor impressionista **Henri de Toulouse-Lautrec** nasceu de um casamento entre primos em primeiro grau. À medida que se aproximava da adolescência, mostrou ter saúde fraca e aspecto doentio. Aos 13 anos (30 de maio de 1878), caiu de uma cadeira e fraturou o fêmur esquerdo. Uma segunda fratura de fêmur ocorreu pouco tempo depois, quando ele rolou pelo leito seco de um rio pouco profundo.

A partir de tais incidentes, Toulouse-Lautrec praticamente parou de crescer, vindo a alcançar, quando adulto, a altura de 1,52 m. Seu aspecto físico singular decorria de suas pernas tortas e curtas, em contraste com uma cabeça e um tronco bem desenvolvidos. A falta de fechamento de suas fontanelas justificava a necessidade de usar chapéu. A agenesia bilateral dos ângulos da mandíbula fazia com que Toulouse-Lautrec usasse barba em busca de uma melhor estética facial. Os dedos curtos faziam com que o pintor sempre se apresentasse em público com as mãos nos bolsos.

Fotografia. Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901)

Doutor Henri Bourges (1891). Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901). Óleo sobre cartão, 79 x 50,5 cm. Museu de Arte Carnegie (Pittsburgo)

Não se sentindo atraente para as mulheres, passou a freqüentar os cabarés parisienses. Identificando-se com o ambiente, começou a desenhar cartazes anunciando os shows no *Les Ambassadeurs* e no *Moulin Rouge*. Ficaram famosos seus cartazes propagando as apresentações do cantor e amigo Aristide Bruant no *Les Ambassadeurs*.

Seus óleos sobre tela mais conhecidos são *A dança no Moulin Rouge*, *No Salão da Rua dos Moinhos* e *No Moulin Rouge*. Em estágio avançado de alcoolismo, entrou em estado de *dellirium tremens* e fraturou uma clavícula ao sofrer uma crise convulsiva. Em 9 de setembro de 1901, Toulouse-Lautrec faleceu em casa na presença de seus pais.

Picnodisostose, a doença de Toulouse-Lautrec, é uma afecção congênita de caráter autossômico recessivo que afeta o esqueleto. Clinicamente, esta doença óssea constitucional se traduz por retardo do crescimento, dismorfismo crânio-facial, retardo no fechamento das fontanelas e das suturas, retrognatismo, ausência de ângulo mandibular, encurtamento dos membros, hipoplastia das falanges distais dos dedos das mãos e dos pés e fragilidade óssea. Ao RX, a picnodisostose se caracteriza principalmente por aumento da densidade do esqueleto. Apesar de não terem sido feitos exames complementares de diagnóstico, acredita-se, com base em fortes evidências clínicas, que a picnodisostose foi a doença do grande artista francês Henri de Toulouse-Lautrec. Seu médico pessoal, que o tratou até à morte, chamava-se **Dr. Henri Bourges**.

Talvez você não saiba

Os médicos assírios anestesiavam os seus pacientes comprimindo ambas as artérias carótidas comuns, até que o paciente desfalecesse e ficasse inconsciente e, portanto, sem sentir dor.

Auto-retrato de Goya com o Dr. Arrieta

Foi no outono de 1792 que o famoso artista **Francisco José de Goya y Lucientes (Goya)**, o pintor preferido dos reis de Bourbon (Espanha), caiu subitamente doente. Ficou febril e hemiplégico à direita. Estava então com 46 anos de idade. Novo acidente vascular cerebral o atingiu aos 73 anos (1819), agravando sua hemiplegia.

Auto-retrato com o Dr. Arrieta (1820). Francisco de Goya (1746-1828). Óleo sobre tela, 117 x 79 cm. Instituto de Artes (Minneapolis)

Já com a saúde bastante debilitada por uma intoxicação crônica resultante da absorção, por seu organismo, do chumbo (saturnismo) existente no pigmento branco (alvaiade) da tinta que usava, resolveu pintar em um óleo sobre tela seu amigo e médico pessoal **Dr. Eugênio Arrieta**. Esta tela, datada de 1820, estando Goya então com 74 anos, é intitulada *Auto-retrato com o Dr. Arrieta*. Presentemente no *Minneapolis Institute of Arts*, o quadro foi uma demonstração de agradecimento e gratidão ao médico que o tratou durante sua vida de doente. No auto-retrato, vê-se claramente o carinho com que Dr. Arrieta ampara o corpo do amigo e paciente Goya enquanto lhe administra um medicamento por via oral.

Talvez você não saiba

No tempo do inglês Joseph Lister (1827-1912), o melhor cirurgião era aquele que operava com o avental cirúrgico mais sujo de sangue, o que denotava experiência adquirida por meio das operações já realizadas.
Lister, percebendo que a higiene era fundamental para um bom resultado cirúrgico, inventou um vaporizador de fenol (ácido carbólico) que, manejado por um estudante de Medicina, fazia a sala de cirurgia ficar sob um nevoeiro de fenol durante todo o ato operatório.
Considerado o "pai da antissepsia", Lister teve a sorte de ser chamado para drenar um abscesso na axila da rainha Vitória, a querida dos britânicos. A Rainha, sem dor e sem febre, o agraciou com o título de lorde.
Joseph Lister, que foi professor de Cirurgia na Universidade de Glasgow (Escócia), tornou-se assim o primeiro lorde da Medicina. É interessante lembrar que Lister foi um homem de sorte ao dar o golpe do baú, casando-se com Agnes, a filha do Dr. James Syme (1799-1870), famoso cirurgião britânico e seu professor na Universidade de Londres.

A Batalha de Nuremberg (1632) foi a batalha que não houve na Guerra dos Trinta Anos. Os soldados, de ambos os lados, orientados pelos estrategistas para a luta, morreram aos milhares nas trincheiras sem que um só tiro fosse disparado. Foram atingidos pelo tifo exantemático.

Os guerreiros gregos da Ilíada consideravam letal a perfuração da traquéia, pois por ela se esvaía a alma juntamente com o ar da vida.

A "salmonela" recebeu este nome em homenagem ao seu classificador, o americano Daniel Elmer Salmon (1850-1914).

São Lucas, o patrono da classe médica

São Lucas é considerado o patrono da classe médica. Dezoito de outubro, Dia de Lucas, é também o Dia do Médico. Quem foi o médico Lucas? Os escritores da antigüidade deram-no por nascido na Antioquia (Síria), onde pela primeira vez os seguidores de Cristo foram chamados de cristãos. Assim sendo, Lucas (abreviatura de Lucano?) teria sido grego, e não hebreu. Aliás, São Paulo se refere a ele como não-circuncidado.

Pagão, converteu-se à fé cristã. Sem mulher nem filhos, teria estudado Medicina em sua cidade natal, onde havia uma famosa escola. Buscando aperfeiçoamento na arte de curar, mudou-se para Alexan-

São Lucas, o apóstolo médico. Ilustração de um Evangelho bizantino do século X. Museu Britânico (Londres)

dria, Atenas e Pérgamo. Nesta última cidade, consultou e curou São Paulo. A partir daí, o acompanhou a Filipos, Jerusalém e Roma.

Entre as várias pinturas que retratam São Lucas médico, destacam-se o painel de **Mantegna**, na pinacoteca de Brera (Milão), e o da Capela de São Lucas, na Igreja de São Francisco, em Moncalvo (Itália). Neste, o santo é representado em meio a diversos livros de Medicina de autoria de Galeno e Avicena.

Não se sabe com precisão quando ou onde morreu Lucas. Também não há dados que indiquem se morreu de morte natural ou se foi martirizado, enforcado ou decapitado. Caso seus ossos estejam sepultados em Pádua (o berço da Anatomia italiana), como querem alguns historiadores, seus restos mortais, sem a menor sombra de dúvida, repousam em uma cidade digna de acolher um médico-santo como São Lucas.

Talvez você não saiba

A pasteurella pestis é inoculada no homem pela picada da pulga do rato. Assim como os ratos abandonam o navio que está naufragando, a pulga abandona o rato que está morrendo e segue em busca de calor humano.

Na grande epidemia que se abateu sobre a Europa em 1348 e que contabilizou 25 milhões de mortos (muitas outras epidemias gravíssimas ocorreram posteriormente), os médicos se protegeram com roupas especiais.

A recessão econômica foi tamanha que os sobreviventes começaram a comer os cachorros, resolvendo por muito tempo o problema da raiva naquele continente.

Em Londres, a peste foi epidêmica em 1666. A população passou a manter, durante a noite, tochas acesas na frente das casas e das lojas para afugentar os ratos transmissores da peste. Isto causou o Grande Incêndio de Londres. A cidade e os ratos foram destruídos.

O médico particular do Papa Clemente VI desconfiou que os judeus pudessem ser os responsáveis pela epidemia. Esta desconfiança iniciou um massacre do povo judeu. Muitos foram perseguidos, torturados e queimados na Europa.

Um dos grandes cirurgiões do Renascimento alemão chamava-se Hieronymus Bruschwig. Ele acreditava que os ferimentos por arma de fogo matavam principalmente porque as balas conduziam em si a pólvora, que era um poderoso veneno.

As “barbies” da Medicina

Na China antiga, as pacientes não podiam se desnudar nem ser tocadas (exceto no pulso) durante a consulta médica. Para se chegar ao diagnóstico da doença e indicar o tratamento adequado, era necessário que elas levassem uma boneca de marfim ou alabastro ao consultório e apontassem no brinquedo onde se localizava a enfermidade.

O mais interessante é que havia dois tipos de bonecas: as que eram levadas ao consultório deitadas em um sofazinho revestido de seda, e as que não dispunham deste conforto. Esse detalhe diferenciava a classe social das pacientes, ou seja, as primeiras pertenciam às mulheres com maior poder aquisitivo, e as “sem-sofá” às menos abastadas.

Durante o exame físico, o médico podia apenas tocar o punho da paciente para verificar-lhe o pulso. Museu Wellcome de História da Medicina (Londres)

Estatueta de marfim usada pelas mulheres de elevado poder aquisitivo, durante consultas médicas, para indicar o local da enfermidade. Museu Universitário (Kansas)

Estatueta de marfim usada por mulheres de menor poder aquisitivo, quando da consulta médica, evitando assim a necessidade de se desnudar em frente ao médico. Museu Wellcome de História da Medicina (Londres)

Talvez você não saiba

O médico inglês Richard Lower (1631-1691) entrou para a história da Medicina ao fazer, em 1665, na cidade de Oxford, a primeira transfusão de sangue de uma ovelha para um homem.

Gás hilariante deu origem à anestesia

O óxido nitroso foi criado em 1772 pelo químico e pastor protestante inglês **Joseph Priestley** *(1733-1804)*, então residente nos Estados Unidos e já conhecido por haver inventado o processo de gaseificar água mineral. Em 1799, **Sir Humphry Davy (1778-1829)** observou a propriedade hilariante do óxido nitroso e o chamou de *gás hilariante*, ou *gás risadinha*.

Posteriormente, **Sam Colt**, o mesmo que patenteou e fabricou revólveres Colt, organizou shows para exibir os efeitos do gás da alegria. Foi, no entanto, **Gardner Colton (1814-1898)** quem passou a oferecer espetáculos ambulantes que atraíam enormes massas de espectadores que queriam se divertir com o *gás hilariante*. Nas tardes de domingo tornara-se comum jovens e casais se reunirem sob a liderança de Colton para ver pessoas tímidas dançando e cantando desinibidamente. Em um desses momentos descontraídos, uma jovem senhora, saltitando sob o efeito do *gás risadinha*, cortou-se ao

Primeira anestesia com éter (1894. Robert C. Hinckley (1853-1940). Óleo sobre tela, 243 x 292cm. Biblioteca Médica de Boston. (Cambridge)

colidir com uma cadeira. Ao recuperar-se do efeito do gás inalado voluntariamente, comentou que nada havia sentido, nem a queda nem os ferimentos que sangravam sem parar.

Horace Wells (1815-1848), um dentista de Connecticut (EUA) que presenciava a brincadeira dominical, percebeu o que os demais apenas conseguiam ver, ou seja, o *gás hilariante* poderia servir para tirar a dor durante uma extração de dente. Wells fez uma demonstração pública de uma extração que seria sem dor, mas o paciente, muito obeso, não ficou completamente adormecido e urrou de dor quando seu dente foi puxado. Ridicularizado, Wells abandonou a odontologia.

William Thomas Green Morton (1819-1868), dentista e ex-sócio de Wells, soube que o éter fazia efeito semelhante ao do óxido nitroso. Após experimentá-lo em alguns pacientes por ele remunerados, resolveu fazer o teste decisivo.

No Hospital Geral de Massachussetts, o renomado cirurgião **John Collins Warren (1778-1856)**, perante numerosa platéia, operou o paciente Gilbert Abbott, de 21 anos, portador de um tumor de mandíbula. Era a manhã do dia 16 de outubro de 1846. O doente anestesiado por Morton nada sentiu. Estava oficialmente descoberta a anestesia.

Wells, deprimido por não ter recebido os louros da descoberta da anestesia, viciou-se em clorofórmio, foi preso e suicidou-se na penitenciária cortando a artéria femoral com uma navalha. Morton ganhou a fama como "eterista", mas a luta que travou com o Congresso americano para ser recompensado financeiramente por seu feito, e a ação de indenização que lhe moveu seu ex-professor **Charles Jackson** – que dizia ter ensinado a Morton a ação do éter como anestésico –, fizeram-no enlouquecer. Morreu correndo, na miséria e sem destino, nas proximidades do Central Park.

Prescrição para mulheres chatas (1830). T. McLean. Gravura. Biblioteca Nacional de Medicina (Bethesda)

O Código de Hamurábi

Hamurábi (1728-1686 a.C.), rei de Babilônia, foi quem primeiro instituiu um código civil e criminal concernente à prática médica. Presentemente exposto no Museu do Louvre (Paris), dele fazem parte os seguintes artigos:

1. *Se o médico trata de um Senhor, abre-lhe um abscesso e lhe salva um olho, receberá dez moedas de prata. Se o paciente é um escravo, seu dono pagará por ele duas moedas de prata.*
2. *Se o médico abre um abscesso com uma faca de bronze e provoca*

Coluna de basalto negro contendo o Código de Hamurábi. Museu do Louvre (Paris). Abaixo: detalhe da coluna mostra Hamurábi (à esquerda) adorando o deus-Sol Shamashi

a morte do paciente, ou lhe faz perder um olho, suas mãos devem ser cortadas. No caso de se tratar, porém, de um escravo, o médico comprará outro e o dará em seu lugar.

3. *Se um médico cura um osso doente ou um órgão doente, receberá cinco moedas de prata. Em se tratando de um escravo liberto, este pagará três moedas de prata. Se for um escravo, então o dono pagará ao médico duas moedas de prata.*
4. *Será nulo o contrato de venda de escravos que estiverem atacados de epilepsia ou lepra.*
5. *Os leprosos serão banidos do convívio social. Nunca mais conhecerão os caminhos de sua residência.*
6. *Se o aborto é provocado e a mulher morre, o culpado também será morto.*
7. *Se um homem casado viola uma jovem, o pai da jovem fará com sua mulher a pena de talião e ela ficará à sua disposição.*
8. *Será punida com a ablação dos seios a nutriz que deixar morrer seu filho, alimentando um outro.*

Talvez você não saiba

Robert Koch (1843-1910), médico alemão, descobriu os bacilos da tuberculose e do antraz (carbúnculo). Agraciado com o Prêmio Nobel de Medicina em 1905, encontra-se sepultado no Instituto Koch, em Berlim. Sua causa mortis foi o infarto do miocárdio.
Louis Pasteur (1822-1895), que não era médico, criou as vacinas contra o antraz e a anti-rábica. Pasteur morreu hemiplégico devido a uma hemorragia cerebral e acha-se sepultado no jardim interno do Instituto Pasteur, em Paris.
É importante lembrar que o antraz foi o primeiro germe que se provou ser causador de uma doença no homem, e que a cura da tuberculose somente tornou-se possível em 1940, quando o Dr. Selman Waksman descobriu a estreptomicina.

Na Universidade de Bolonha, no século XII, os professores eram pagos diretamente pelos alunos de Medicina e vistos como traidores se também fossem lecionar para alguma instituição concorrente. O reitor era eleito pelo voto direto dos alunos.

As rickettsias, organismos que habitando o interior das células causam o tifo exantemático, foram descobertas pelo americano Howard Taylor "Ricketts" (1817-1910).

A vacina antivariólica e o perigo de nascerem chifres

Certa vez, **Edward Jenner (1749-1823)**, um clínico geral, disse a uma inglesinha que ordenhava vacas na fazenda: “Que lindo rosto você tem, e que sorte, sem uma marca de varíola!” Ela respondeu ao galanteio: “Eu já tive varíola bovina, não corro mais o risco de pegar varíola humana.”

Em 14 de maio de 1796, Jenner, convicto de que havia descoberto a vacina, colheu um pouco de pus de uma ferida variólica bovina presente na mão de Sarah Nelmes, e com o mesmo estilete conta-

A varíola bovina, ou Os efeitos maravilhosos da nova vacina (1802 ou 1809). James Gillray. Gravura. Biblioteca Nacional de Medicina (Bethesda)

minado, escarificou o braço de James Phipps, então com oito anos de idade. Quase dois meses depois, novamente arranhou o braço do garoto James e o contaminou com varíola humana. James continuou supervivo e, em homenagem à "vaca", surgiu o termo "vacina".

Naquela época as pessoas tinham pavor de vacina, pois corria o boato de que alguns vacinados haviam se transformado inteiramente em gado leiteiro, em outros apareceram chifres e, nos casos menos dramáticos, um rabo havia crescido. Jenner dizia que seu grande orgulho era ter sido aluno, no Hospital São Jorge, em *Hyde Park Corner*, de John Hunter, o único anatomista que, até os dias de hoje, mereceu a honra de ser sepultado na Abadia de Westminster, a igreja preferida dos reis da Inglaterra.

Talvez você não saiba

Jesse Lazear (1866-1900) morreu por deixar-se picar experimentalmente por mosquitos infectados com o vírus da febre amarela. Ele imitou o escocês Patrick Manson (1844-1922), que manteve seu jovem filho trancafiado em um quarto até ser bastante picado pelos anofelinos, para mostrar ao mundo como ocorria a inoculação do parasita da malária.
Até então, a "malária" era atribuída ao "mau ar" soprado pelos deuses para castigar algumas pessoas que andavam aprontando na Terra. Manson fundou a famosíssima London School of Hygine and Tropical Medicine.

Aulus Cornelius Celsus (53 a.C. – 7 d.C.), o mais famoso médico escritor do início da era cristã, descreveu os quatro pontos cardeais da inflamação: dor, rubor, tumor e calor. Citados no capítulo intitulado De res medica, do livro De arbitus, até hoje continuam sendo ensinados nos cursos de Medicina.

A descoberta da penicilina

Ao sair de férias em 1928, o bacteriologista **Alexander Fleming (1881-1955)** deixou crescendo em seu laboratório algumas culturas de germes diversos. Ao retornar, observou que uma das culturas havia sido contaminada por um fungo e que este estava lisando estafilacocos em cultura. Não lhe ocorreu, entretanto, que aquele fungo pudesse

Sir Alexander Fleming. Penicilium notatum inibindo o crescimento de estafilococos em cultura de ágar-ágar. (Londres)

vir a ser usado para matar bactérias instaladas no corpo humano.

Dez anos depois, o bioquímico **Ernest Chain (1906-1979)** leu casualmente, na Biblioteca Radcliff, em Oxford (Inglaterra), o relato de Fleming sobre sua cultura contaminada por um fungo misterioso. Chain logo percebeu que ali estava um fungo germicida, do gênero *Penicillium*, que poderia atuar curativamente dentro do corpo. Chain e seu chefe, o médico **Howard Florey (1898-1968)** testaram a droga em um paciente com septicemia. Quase curado, o doente morreu porque acabou o pouco que existia disponível de penicilina.

Em 6 de agosto de 1942, no *St. Mary's Hospital*, em Londres, em plena II Guerra Mundial, Florey e Fleming injetaram "penicilina" em um paciente com meningite. O paciente sobreviveu. Pela descoberta da penicilina, Fleming, Chain e Florey foram agraciados com o Prêmio Nobel de Medicina (1945).

Talvez você não saiba

Michael Servetus (1509-1553) foi queimado vivo por ter descrito a circulação pulmonar.

Os hindus castigavam com a amputação do nariz as mulheres que cometiam adultério. No ano 300 d.C. o médico Susruta desenvolveu uma técnica para rinoplastia reparadora usando retalho de pele da testa.

Na Itália, o médico Gasparo Tagliacozzi (1546-1599) foi o grande nome da rinoplastia reparadora, sob os protestos da Igreja, que dizia ser a cirurgia plástica pecaminosa por modificar a obra criada por Deus.

Para o dia 26 de junho de 1901 estava marcada a festa de coroação de Eduardo VII (1841-1910), rei da Inglaterra e da Irlanda. Na manhã do dia 23, o rei acordou com apendicite. O cirurgião Frederick Treves (1853-1923) indicou cirurgia de urgência.
Convencido do risco que corria, Eduardo VII deixou-se operar, sendo a coroação transferida para 9 de agosto.
O acesso cirúrgico foi feito por meio de uma incisão proposta pelo cirurgião americano Charles "McBurney" (1845-1913). Treves, cirurgião real e escritor nas horas vagas, é o autor do best seller O homem-elefante.

Cosme e Damião: médicos santificados

Cosme e Damião foram os santos mais populares da Idade Média. Possivelmente irmãos gêmeos, sicilianos de nascimento, atendiam os pacientes sempre em conjunto. Cosme, como médico, diagnosticava e prescrevia o tratamento. Damião, desempenhando mais o papel de farmacêutico, preparava os medicamentos.

Cristãos, viram-se combatidos pelo Império Romano, mesmo porque, enquanto tratavam os doentes, procuravam convertê-los. O procônsul romano Lísia, a mando do imperador Diocleciano, deter-

Cosme e Damião. Fernando del Rincòn. Museu do Prado (Madrid)

minou que os irmãos fossem amarrados e atirados nas águas gélidas do Golfo de Isso. Como sobreviveram, os dois foram mandados para a fogueira. As chamas mudaram de direção e atingiram os carrascos. Lísia ordenou então que eles fossem crucificados, apedrejados e traspassados por flechas.

Pedras e flechas ricochetearam nos seus corpos sem feri-los. Irado, Lísia usou como método infalível a decapitação. Era o ano de 285. Sabendo que Cosme não queria ser enterrado com Damião, porque este havia aceito de uma paciente o pagamento de uma consulta, o procônsul determinou que seus corpos descansassem eternamente juntos.

Após a morte, os irmãos passaram a fazer milagres, como o de um sacristão de cor branca que tinha gangrena na perna. Os santos removeram a perna de um etíope morto recentemente e enterrado no cemitério de *San Pietro in Vincoli* (Roma) e a transplantaram no moribundo. Em seguida puseram a perna gangrenada no etíope, que era negro.

Este transplante está pintado por artistas famosos como **Ambrosius Francken**, **Fernando Galego (Fernando del Rincòn)** e **Frá Angelico**. A tela deste último está exposta no Museu de São Marcos, em Florença (Itália).

De Cosme e Damião resta hoje somente o crânio de São Cosme, guardado na Catedral de Ímola (Itália). Em Ímola morreu Ayrton Senna, o tricampeão mudial de Fórmula 1.

Talvez você não saiba

Peter Chamberlen (1560-1631), obstetra francês, inventou um instrumento metálico para auxiliar o parto, o qual foi por ele chamado de "tira-cabeça". Clinicando em Londres, não deixou ninguém ver sua invenção, assim como também fizeram seus filhos obstetras.
Durante aproximadamente 125 anos, os Chamberlen mantiveram em família o segredo do fórceps. Este era guardado numa caixa de madeira e só aberta na hora do parto e sem que ninguém o visse sendo aplicado. Em 1693, um herdeiro não-médico o vendeu para um obstetra holandês.

O estudo da Anatomia, na Medicina hindu do passado, era atrasado porque era proibido "cortar" o cadáver. O grande médico Susruta sugeria que os médicos colocassem o cadáver a ser estudado dentro de um cesto e o mergulhassem em um rio por sete dias. Após este período, já em decomposição, as cavidades poderiam ser abertas apenas com as mãos, e as vísceras facilmente retiradas e estudadas.

O significado do R no receituário médico

Hórus vinga o assassinato de seu pai Osíris lutando contra Seth, o tio criminoso. Na contenda, Hórus perde um olho, que lhe é reposto por Toth, o deus da saúde e da sabedoria, em reconhecimento da devoção filial de Hórus.

O olho esquerdo de Hórus lembra a letra R e por isso o R é escrito no início de toda receita médica. Ao fazer o R na receita, o médico invoca a proteção e a inspiração divinas para aquela prescrição.

Olho esquerdo de Hórus (detalhe), o deus com cabeça de falcão. (Egito)

Talvez você não saiba

Na suposição de que a droga stibium tinha o poder de fazer engordar, o monge de nome Basil Valentine deu tal medicamento para os monges do seu convento, que estavam demasiadamente magros por excesso de jejum. Os monges morreram e a droga passou a ser conhecida como "antimonge", hoje "antimônio".

A gonorréia era muito comum no século XVIII. Surgiram assim, em Londres, as primeiras camisinhas, feitas cada uma de segmentos de 20 centímetros de intestino de carneiro costurados em uma das extremidades. Para os mais cautelosos e endinheirados havia um tipo de camisinha dupla fabricada com dois cecos de carneiro encaixados um dentro do outro. A camisinha de intestino era comercialmente chamada de "tripa profilática".
Posteriormente, as tripas foram substituídas por camisinhas de linho, laváveis, reaproveitáveis e mais baratas. Tal evolução apresentava como grande inconveniente a necessidade de serem molhadas antes do uso. Em 1843, com o advento da vulcanização da borracha, houve o boom das camisinhas. Chamava-se Condom o primeiro médico inglês a prescrever preservativos de borracha para seus pacientes. O atual nome, "camisa de Vênus", é uma alusão a Vênus (Afrodite), a deusa símbolo da fertilidade. Hermes e Afrodite geraram um filho, "Hermafroditus", que nasceu "hermafrodita". A expressão doença venérea deriva do nome Vênus.

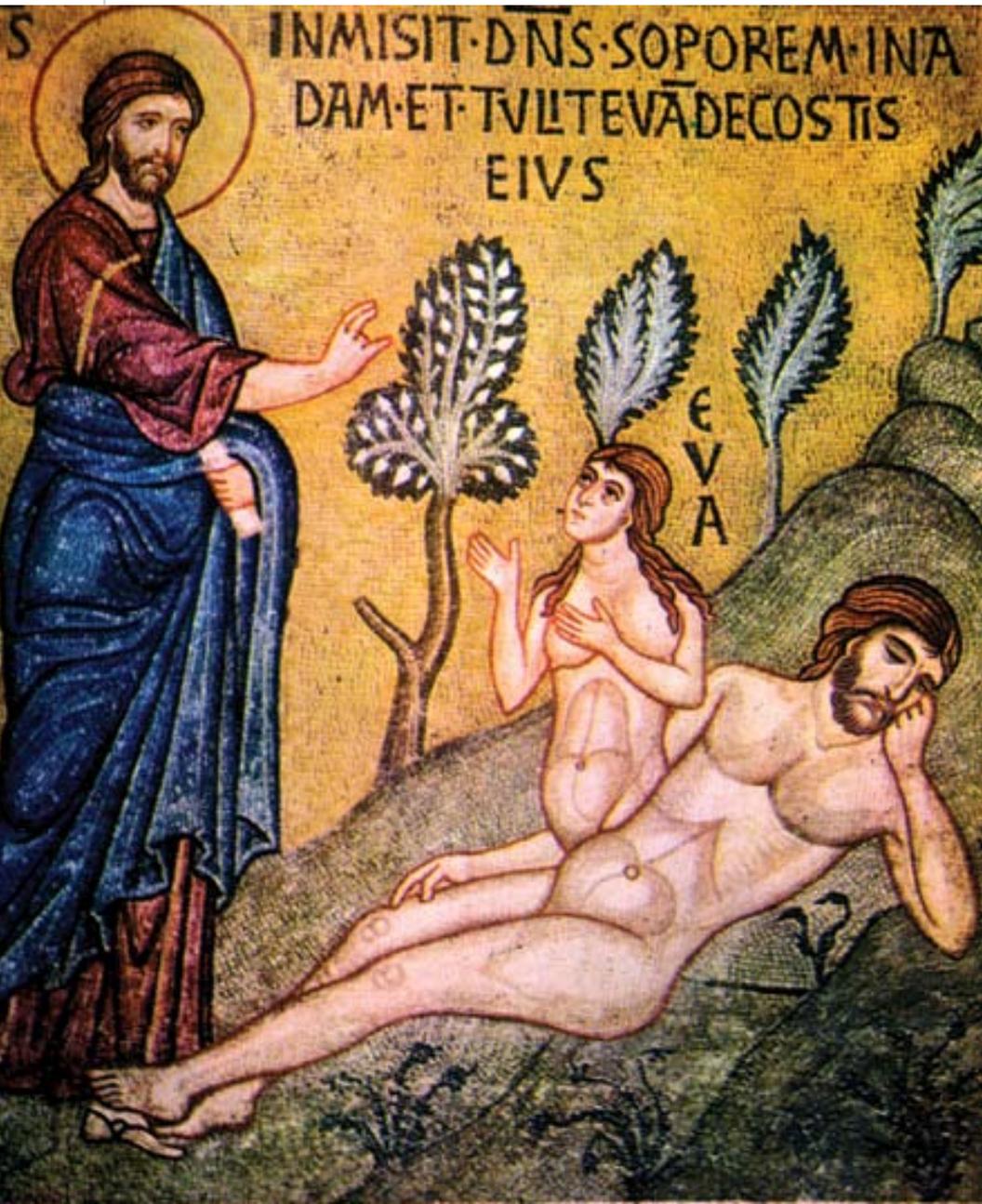
Durante muito tempo, e principalmente na época em que viveu Descartes (1596-1650), o corpo pineal foi considerado o local onde ficava a alma no interior do nosso corpo. Adversários de Descartes tentavam ridicularizá-lo afirmando que a pineal nada mais era do que o vestígio do 3.º olho que nos humanos não chegou a se desenvolver na face posterior da cabeça (olho de ré?!). Outros viam o corpo pineal como sendo o que restou em nós do olho do ciclope ferido por Ulisses (Odisseu) na Odisséia, de Homero.

O médico francês Joseph Ignace Guillotin (1738-1814) inventou um aparelho capaz de matar sem provocar o sofrimento acarretado pelo enforcamento. Segundo "Guillotin", a "guilhotina" é tão eficiente no corte do pescoço que, imediatamente após ser guilhotinado, os olhos ainda se abrem se o decapitado for chamado pelo nome.
O ângulo de inclinação da lâmina da guilhotina foi sugerido a Guillotin pelo médico francês Antoine Louis (1723-1792), que anos antes havia descrito o ângulo de Louis (ângulo esternal), situado entre o manúbrio e o corpo do esterno e usado até hoje como referência para a contagem das costelas e identificação da segunda cartilagem costal.

O "umbigo de Eva"

Ao pensarmos na criação da primeira mulher por Deus, a partir de uma costela de Adão, deixemos de lado o aspecto religioso do acontecimento e nos concentremos no surgimento de várias constatações e questionamentos interessantes do ponto de vista médico.

Obviamente, para que se procedesse à retirada de uma costela de Adão (costectomia), Deus precisou mergulhá-lo em profundo

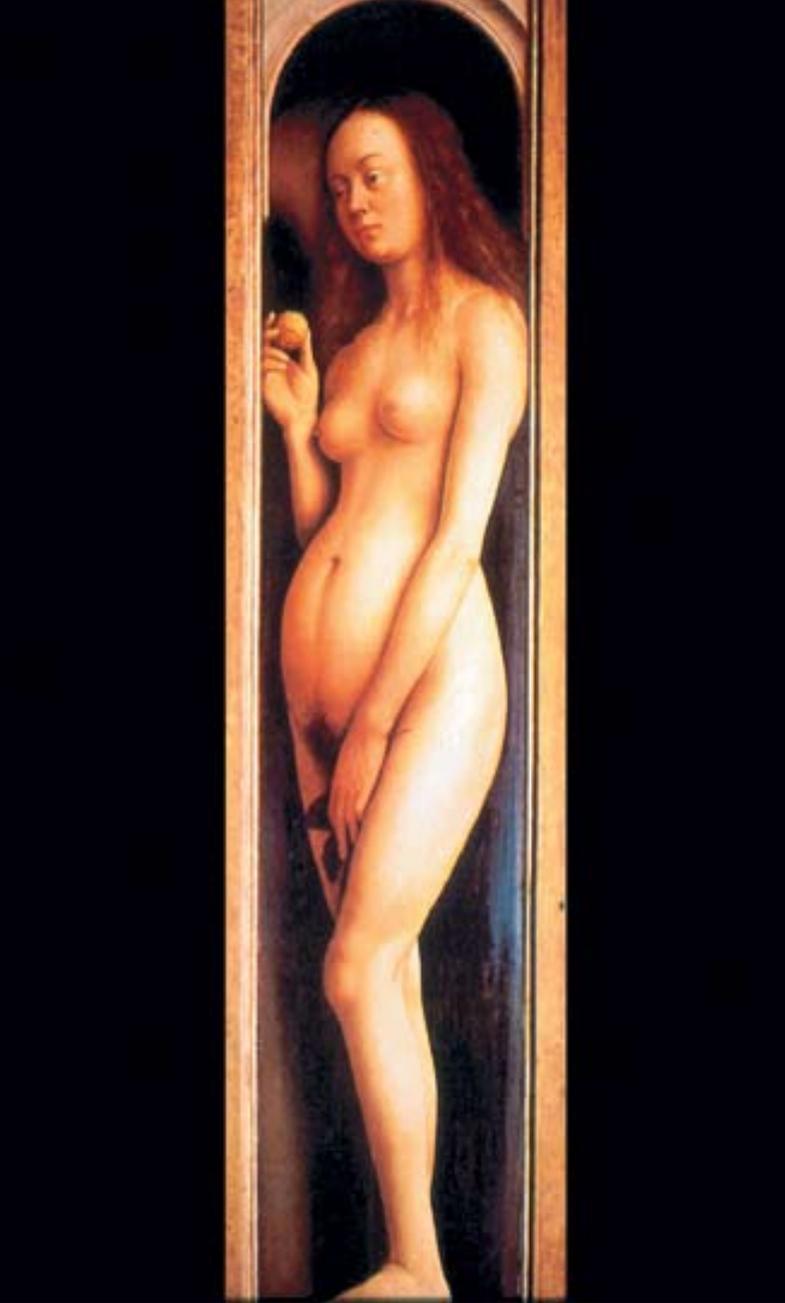
O nascimento de Eva. Arte em mosaico. Observar que Eva nasce de uma costela direita de Adão

sono. Ao fazer isso, nos vem a idéia de que o primeiro ato médico do mundo não foi uma cirurgia, mas uma **anestesia**. (Deus, ao decidir criar o homem à sua imagem e semelhança, pode ter inspirado algum cientista a pesquisar a possibilidade de vir a ser feito o clone de um ser humano.)

O segundo procedimento médico foi, então, uma **cirurgia**. Vamos viajar um pouco no tempo e imaginar os passos que envolveram momento de tal magnitude para a História da humanidade.

Qual costela deve ter sido escolhida por Deus para dela fazer Eva? Certamente, Deus não fez a primeira mulher da décima primeira nem da décima segunda costelas, chamadas de **flutuantes**, ou seja, de pouca importância anatômica, incompletas e que se fixam apenas nas vértebras torácicas. Provavelmente também não utilizou as costelas de números 8, 9 e 10 porque são consideradas, do ponto de vista anatômico, como sendo **falsas**, pois se fixam no esterno por intermédio da costela suprajacente. É provável, então, que Deus tenha feito a mulher de uma dentre as sete costelas chamadas **verdadeiras.**

Sabemos que as verdadeiras são as costelas de números 1 a 7. Destas, a mais importante, que contém todos os acidentes anatômicos e é considerada exemplo de costela típica, é a de número 7. Portanto, do ponto de vista médico, Deus, tendo que fazer a mulher de uma costela, deve ter escolhido a 7.ª, por ser a mais perfeita das costelas do corpo humano.

Ocorre-nos outra indagação interessante: teria sido a 7.ª costela esquerda ou direita? É razoável se supor que Deus tenha escolhido fazer Eva da 7.ª costela esquerda, por ser a que fica junto ao coração.

Adão está em profundo sono (anestesiado). Deus (cirurgião) retira uma costela esquerda de Adão, que não sente dor

O altar de Ghent (1432). Jan van Eyck (1422-1441). Óleo sobre painel (tríptico), 146,2 x 51,4 cm cada painel. Catedral de São Bavo (Ghent) Observar que esta Eva tem umbigo, apesar de ter nascido de uma costela.

Um outra questão nos aflige: se Eva foi feita da costela de Adão, certamente não foi gerada em nenhum útero materno. Assim, com certeza não houve placenta. Se não houve placenta, também não existiu cordão umbilical. Se não existiu cordão umbilical, não poderia haver umbigo. Portanto, as evas pintadas e esculpidas por artistas diversos no mundo todo contêm um erro anatômico. Possivelmente, a única Eva retratada corretamente do ponto de vista morfológico, ou seja, sem umbigo, é brasileira; mais precisamente, a Eva perfeita é pernambucana e encontra-se exposta no ateliê do artista plástico **Francisco de Paula Coimbra de Almeida BRENAND**, nascido em 1927.

Eva sem umbigo. Escultura em cerâmica de autoria do artista plástico pernambucano Francisco Brennand (Recife)

Talvez você não saiba

Charles Augustus Lindbergh (1902-1974), conhecido por ter feito a primeira travessia do Atlântico voando dos Estados Unidos a Paris sem escala, e pela tragédia do rapto de seu filho, muito contribuiu para o progresso da Medicina. Com seus conhecimentos de mecânica, construiu o primeiro coração artificial.

Na verdade, sua idéia inicial era construir uma bomba que mantivesse vivo um órgão removido do corpo, enquanto estivesse sendo reparado, para em seguida ser reimplantado em seu local de origem.

Médicos perfumados

É sabido que, ao longo da história da Medicina, várias epidemias ocorreram no mundo, algumas delas matando milhões de pessoas. Por exemplo, por volta de 1400 uma epidemia de peste bubônica dizimou cerca de um quarto da população da Europa. Os médicos, sem saber a origem da doença e sem contar com medicamentos para combatê-la, trataram de se proteger para continuar dando assistên-

Gravura do século XVIII mostrando como o médico enfrentava as "pragas" na Idade Média

cia aos doentes. Criaram então uma indumentária que consistia em botas, uma bata preta de couro com mangas compridas, chapéu, luvas, uma vareta de aproximadamente um metro para examinar os doentes a distância, e uma máscara com um bico alongado como o de um tucano, no qual colocavam algodão embebido em perfume para que pudessem permanecer junto aos doentes, extremamente fétidos. Tal odor nauseante devia-se aos linfonodos enfartados, abscedados e supurados em decorrência da peste bubônica.

Os doentes eram em tamanha quantidade que os cadáveres se acumulavam nas calçadas. As pulgas dos ratos, transmissoras da peste, abandonavam os corpos frios dos milhões de animais mortos e picavam as pessoas, ou melhor, suas vítimas.

Com o passar do tempo este processo arrefeceu e a epidemia foi decaindo de intensidade, como acontece com toda epidemia. À medida que os ratos e as pulgas morriam, o número de doentes decrescia abruptamente, até que chegou o momento em que não havia mais doentes pestilentos na França.

O país viu-se então diante de um problema: havia surgido uma indústria de perfumes para atender às necessidades dos médicos por substâncias aromáticas. Sem a peste na Europa, passou a sobrar perfume. A França, para evitar o desemprego, buscou uma saída: em vez de fechar as fábricas, passou a exportar perfume para o mundo. Portanto, podemos acreditar que os médicos e a peste contribuíram para o incremento da indústria francesa de perfumes.

Talvez você não saiba

Foi nas proximidades de Michigan (EUA) que, em 6 de junho de 1822, o jovem Alexis Martin foi acidentalmente atingido por um tiro de escopeta que estava encostada no seu epigástrio. Atendido por Dr. William Beaumont (1785-1853), Alexis milagrosamente sobreviveu. Havia perda de substância nas paredes do abdome e anterior do estômago. A abertura na parede deixara à mostra o interior do que restou de estômago, como se fosse uma enorme gastrostomia. Beaumont percebeu sua oportunidade ímpar de estudar o processo da digestão. Podia ver a qualquer instante o interior do estômago, dele retirar suco gástrico, introduzir alimentos e acompanhar a liquefação dos pedaços de carne nele introduzidos.
Descobriu que o suco gástrico continha ácido clorídrico e que este já aparecia no estômago enquanto o alimento se encontrava sendo mastigado. Quando Beaumont morreu, Alexis passou a alugar-se para exibições aos médicos e estudantes de Medicina que queriam aprender sobre a digestão. Tornou-se, portanto, uma verdadeira aula viva.

A origem da expressão "tendão de Aquiles"

Esta pintura em vaso grego representa uma cena da *Ilíada* de Homero. Vê-se claramente o guerreiro grego Aquiles fazendo um curativo no braço do seu amigo Patroclo. Aquiles, quando criança, foi batizado em um lago sagrado chamado Stix. Sua mãe o segurou pelos tornozelos e ele, de cabeça para baixo, foi imerso no lago. Ao retirá-lo da água, todo o seu corpo estava bento, exceto os tornozelos, que haviam permanecido enxutos.

Aquiles desconhecia o fato de que seus tornozelos não estavam bentos e, portanto, eram vulneráveis. Durante um combate na

Aquiles tratando Patroclo. Vaso grego com figura em vermelho (50 a.C.). Staatliche Museum (Berlim)

Guerra de Tróia, uma flecha adversária o atingiu no tendão calcâneo (tendão de fixação distal dos músculos gastrocnêmio e sóleo no osso calcâneo), pondo-o fora de combate.

Em 1693, um anatomista francês chamado **Phillipe Verheyen** foi acometido de gangrena diabética na perna direita. Antes de se submeter à cirurgia de amputação do membro inferior doente, Verheyen pediu ao seu amigo ortopedista que, após a cirurgia, guardasse o membro amputado porque desejava, passado o período de convalescença, dissecar seu tendão calcâneo. Verheyen lembrou-se então do episódio ocorrido com Aquiles e passou, a partir daquele momento, nas suas aulas em público, a usar o nome *tendão de Aquiles*. Atualmente, com a abolição do uso dos termos eponímicos em Anatomia, o tendão de Aquiles voltou a ser chamado de tendão calcâneo.

Talvez você não saiba

O símbolo da Medicina consiste de um bastão no qual enrola-se uma serpente. Originado na Mesopotâmia, tem na serpente o simbolismo da saúde, uma vez que a cobra mantém-se saudável e rejuvenescida em virtude da troca de pele e rasteja na terra onde habitava Ea, a deusa da saúde.
Este símbolo muitas vezes é confundido com o caduceu de Mercúrio (Hermes), o deus mensageiro ou do comércio. O caduceu tem duas asas na sua extremidade superior e apresenta duas cobras entrelaçadas. Somente aqueles que pensam em fazer da Medicina um comércio podem usar intencionalmente o caduceu de Mercúrio como símbolo da profissão.

Leonardo da Vinci, em seu famoso desenho sobre o coito, baseou-se nos escritos de Galeno e Avicena que diziam: no coito o colo uterino abre-se para permitir a penetração da glande do pênis e a deposição do sêmen diretamente na cavidade uterina.
O sangue menstrual retido dirige-se pelas veias epigástricas até as mamas objetivando a formação do leite. O pênis tem dois canais, sendo que por um passa a alma do embrião e pelo outro a urina e o esperma.

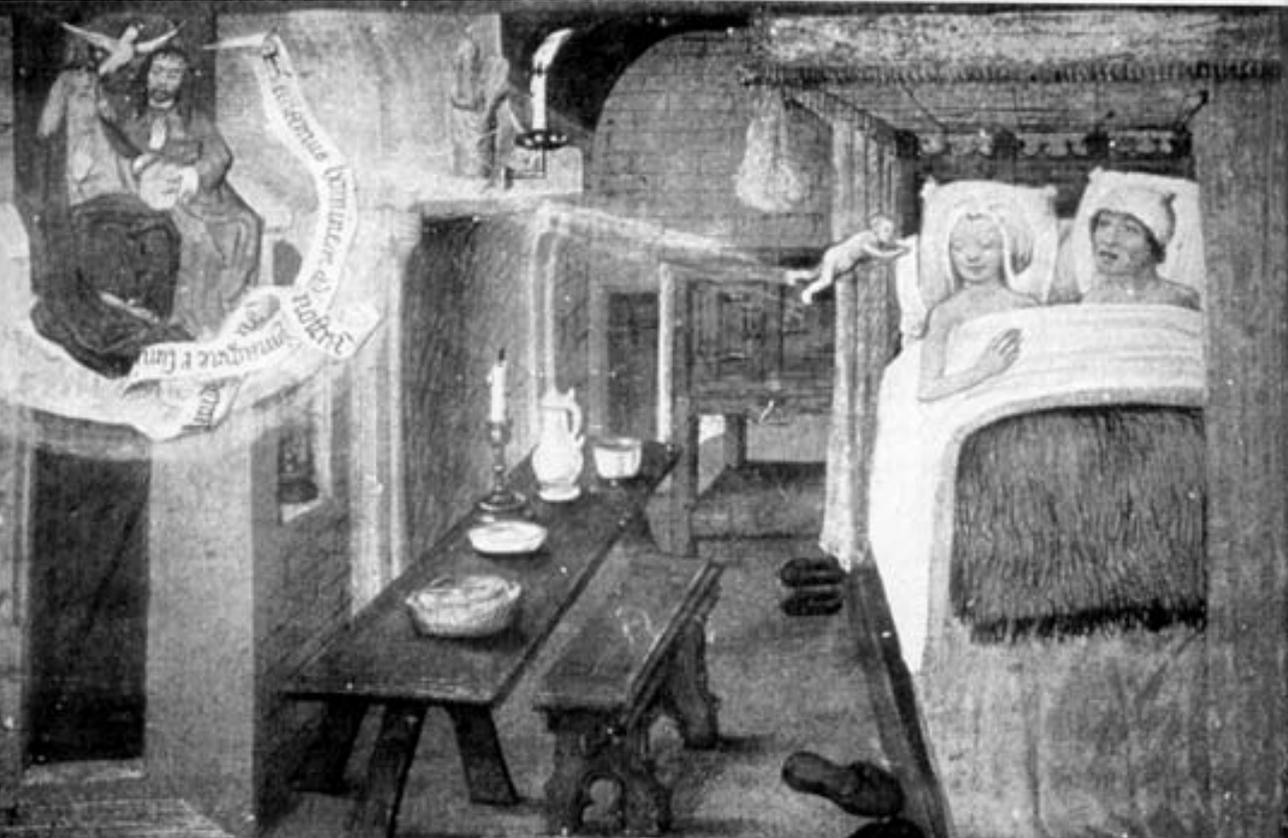
Márcio Pórcio Catão, ou Catão, o Censor (234-149 a.C.), que detestava os médicos gregos, dizia: "Se aquela corja vier para nossa cidade será o fim de Roma. Eles juraram matar todos os bárbaros usando a Medicina, e, para eles, bárbaros é o que somos. Romanos, cuidado com os médicos gregos!"
Catão, na verdade, era um médico de limitados recursos, sendo conhecido por prescrever, para quase todas as enfermidades, couve crua ou cozida, ingerida ou aplicada como cataplasma.

O mistério da fecundação na Idade Média

Como é natural, havia, na Idade Média, uma grande preocupação dos médicos no sentido de entender a fecundação. Na época não existia microscópio, nem se sabia da existência dos óvulos e muito menos dos espermatozóides. Tinha-se conhecimento apenas de que, juntando um homem e uma mulher, havia forte possibilidade de nascer uma criança.

Dessa forma, retratando esse obscuro período da História da humanidade em termos de conhecimento científico, nos livros de obstetrícia mais antigos é possível observar cenas curiosíssimas, como a mostrada na gravura apresentada nesta página. Vê-se no alto, à esquerda, a Santíssima Trindade simbolizando a origem da vida; no quarto do casal percebe-se que um feto voa da Santíssima Trindade em direção ao casal.

Será que os médicos e artistas da Idade Média acreditavam que a fecundação ocorria dessa forma?

Gravura medieval representando a fecundação, ou seja, a entrada da alma, o sopro da vida do ser que será gestado

Talvez você não saiba

Os médicos assírios e babilônios receitavam cortar cebola como o melhor tratamento de conjuntivite. Parece ser um procedimento baseado na prática clínica, haja vista que cebola produz lacrimejamento e a lágrima contém lisozima, que é bactericida.

No século XVI, uma doença sexualmente transmissível perturbava o mundo. O médico e poeta Girolamo Fracastoro (1478-1553), nascido em Verona – terra de Romeu e Julieta, de Shakespeare –, inspira-se na enfermidade que era assunto do dia e escreve um poema cuja personagem principal era um jovem pastor de ovelhas extremamente mulherengo, acometido da doença (morbus gallicus, ou pestilência do amor) por ter blasfemado contra Deus. Do seu nome – Syphilus – derivou o nome da patologia sífilis. O poema recebeu o título Syphilus sive morbus gallicus.
O termo latino lues, que em português significa peste, flagelo ou doença infecciosa, surgiu a partir do livro do médico Jean Fernel (1497-1558) sobre sífilis, cujo título era De lues venereae curatione.

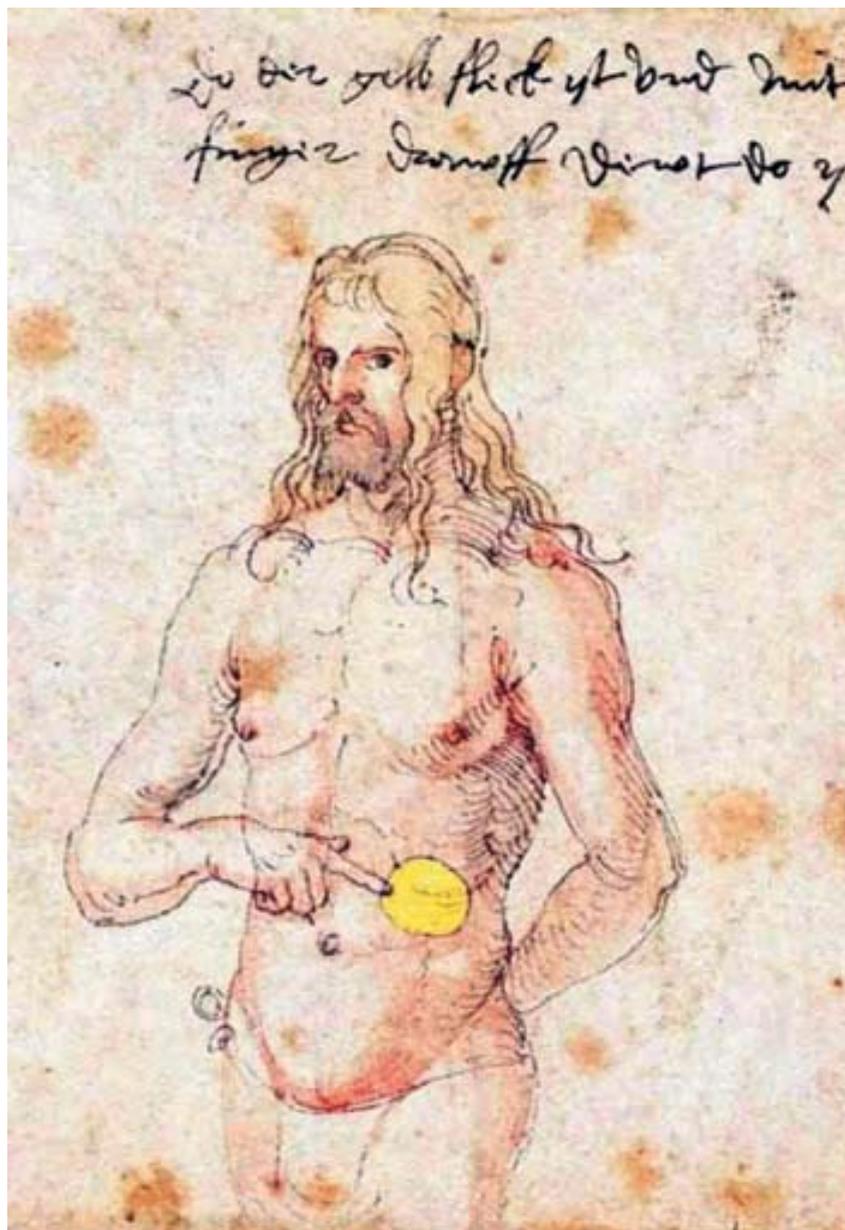
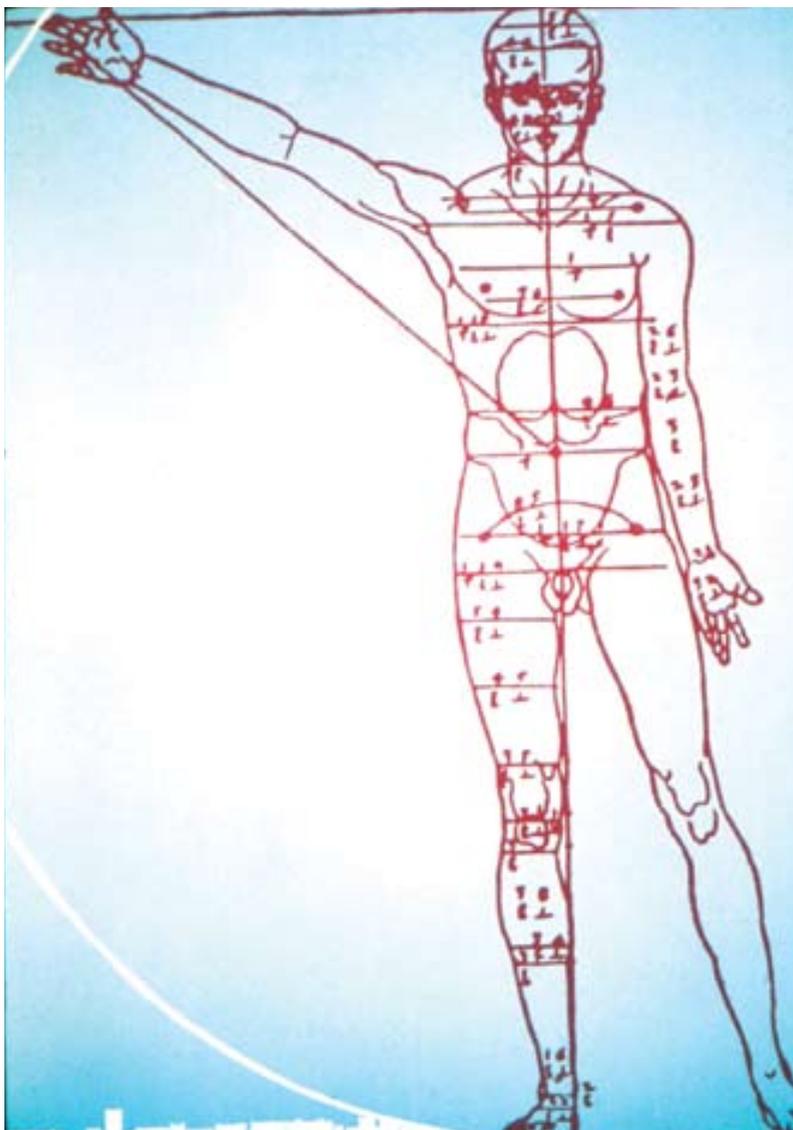
No século II, na China, a cirurgia era praticada de modo rudimentar e visava, sobretudo, fornecer eunucos que iriam proteger as concubinas do imperador. Amarravam-se conjuntamente o pênis e o escroto com uma fita de seda e em seguida seccionava-se a genitália com uma faca. A hemorragia era contida com o auxílio de resinas aplicadas na área cruenta. A uretra era fechada com uma rolha de madeira removível.
Registre-se que a dissecação de corpos humanos para o estudo da Anatomia era proibida sob o argumento de que as pessoas precisavam do corpo inteiro para se encontrar com seus antepassados na outra vida. Estavam os eunucos condenados eternamente à vida terrena?

Laudo da necropsia de D. Pedro I (1798-1834):
"Presença de grande quantidade de líquido na pleura direita e extensa hepatização do pulmão esquerdo. O coração achava-se aumentado, flácido e descorado, com aderências do lado posterior. O interior do coração do Rei não foi examinado, embora devesse haver alterações patológicas, pois em vida queixava-se de palpitações e edema das extremidades. O fígado tinha o lobo maior hipertrofiado e mais escuro. O restante da glândula hepática estava enrugada. O baço estava mole, quase dissolvido. Os rins estavam esbranquiçados e com a camada cortical amolecida. No cérebro nada foi encontrado, como era esperado, 'dado o excelente estado mental do Rei.'"

O surgimento da consulta virtual

Um dos mais famosos pintores do Alto Renascimento alemão, Albrecht Dürer ficou famoso, dentre outras coisas, por fazer gravuras de rinocerontes e desenhos retratando as proporções do corpo humano.

Certa vez, o artista encontrava-se no interior da Alemanha e foi acometido de dores intensas no baço. Sem poder se deslocar à capital

Auto-retrato indicando seu baço enfermo (detalhe). Albrecht Dürer (1471-1528). Museu Kunsthalle (Bremen)

As proporções do corpo humano. Albrecht Dürer (1471-1528). Gravura estilizada para o XV Congresso Brasileiro de Anatomia (Brasília)

para se consultar com seu médico, decidiu escrever-lhe uma carta relatando a história e a sintomatologia de sua doença. Aproveitando-se de suas qualidades artísticas, procurou ser muito claro na carta ao médico, entremeando ao texto seu auto-retrato com a indicação do local onde sentia dor.

Esta foi, provavelmente, a primeira consulta por carta feita no mundo. Tanto Dürer quanto seu médico certamente não se deram conta de que, naquele momento, estavam antecipando em vários séculos o que se faz atualmente pela Internet, ou seja, a consulta virtual.

Necropsia macabra

No ano 59 d.C. foi realizada, segundo a História, a primeira necropsia. Nero, imperador de Roma, matou sua esposa para ficar com a amante. Para aproveitar com mais tranqüilidade o convívio com a amante, matou o marido dela. Algum tempo depois, cansado da amante, mandou também matá-la. Achando pouco, Nero engravidou a própria mãe, Agripina.

A necropsia de Agripina. Gravura no livro miniatura Le Cos des Nobles et Femmes (1410), de Boccaccio. Biblioteca Nacional de Paris

Sua curiosidade mórbida levou-o a mandar matar a própria mãe e a determinar que, na sua presença, o ventre dela fosse aberto para que ele pudesse ver o útero de onde havia nascido.

Agripina, sabendo do propósito macabro de Nero, minutos antes de ser sacrificada pediu ao carrasco que destruísse seu útero após o filho-imperador se retirar do recinto, pois ela agora dava-se conta de que o órgão havia abrigado não um ser humano, mas um monstro.

Talvez você não saiba

Napoleão Bonaparte (1769-1821), o Grande General, teve como médico particular Jean Nicolas Corvirsat (1755-1821). Certa vez, Bonaparte perguntou a Corvirsat até que idade um homem poderia ter um filho. O médico respondeu: "Com uma jovem e bela mulher, sempre."

Napoleão foi submetido a necropsia por vontade própria registrada em testamento. Dizia o documento: "Não deixem médicos ingleses tocar no meu corpo. Conservem meu coração em álcool. Examinem meu estômago com cuidado e forneçam um relatório ao meu filho. Indiquem a ele os remédios e as precauções que deve seguir para evitar que venha a sofrer de uma moléstia semelhante. Isto é importante porque meu pai morreu com sintomas muito parecidos aos meus."

O inventor do cateterismo cardíaco foi o médico alemão Werner Forssmann. Tentando descobrir uma via para administrar medicamentos diretamente no coração, com a ajuda de um espelho e de um fluoroscópio (RX) ele cateterizou a si próprio. O catéter atingiu seu átrio direito e Werner não só sobreviveu como ganhou o Prêmio Nobel de Medicina em 1956.

Christiaan Eijkman (1858-1930) orgulhava-se das galinhas do seu quintal, todas alimentadas com ração à base de arroz integral. Certo dia, ao visitar um hospital em Java, percebeu que as galinhas estavam todas doentes, cambaleando ao andar e com o pescoço mole, como se estivessem embriagadas.

Ao adentrar nas enfermarias, observou que os doentes com beribéri também andavam cambaleando e mantinham o pescoço caído. Curioso, foi observar a ração das galinhas. Ficou surpreso ao saber que as aves estavam sendo alimentadas com o arroz que sobrava das refeições dos doentes internados. Era arroz polido, sem casca e cutícula. Descobriu então a vitamina B, ou seja, o "fator antiberibérico", inexistente no arroz beneficiado ou polido.

A primeira cesariana da História

O imperador Júlio César, descontente com o atraso da Medicina, promulgou uma lei determinando que o médico, diante da possibilidade de morte da mãe e do concepto durante o trabalho de parto, ficasse de sobreaviso e, assim que ocorresse o óbito materno, estaria autorizado a abrir o ventre e retirar o feto para tentar salvar a criança.

O nascimento de César. Gravura medieval

Devido a essa determinação de Júlio César, disseminou-se pelo mundo a idéia de que a operação cesariana tenha recebido este nome porque o imperador havia nascido deste tipo de parto.

A bem da verdade, a primeira cesariana realizada no mundo teve como protagonista a ninfa **Coronis**. Desse parto nasceu **Esculápio** (para os romanos) ou **Asclépio** (para os gregos), o deus da Medicina, filho de Apolo.

Coronis estava prometida em casamento ao seu primo Ísquis, mas apaixonou-se por Apolo e dele engravidou.

Um corvo, uma ave até então branca, fala a Ísquis da gravidez de Coronis. A deusa Artemis, solidária com o sofrimento de seu irmão Ísquis, condena Coronis à morte pelo fogo. Apolo, vendo Coronis na pira fatal, toma-se de piedade pelo filho e o retira do ventre materno. Assim, Esculápio foi fruto da primeira cesariana realizada no mundo. Ele foi criado pelo centauro Quiron (metade homem, metade cavalo), que lhe ensinou a arte de curar com fitoterápicos. Temendo que Esculápio, por sua cultura médica, tornasse todos os homens imortais, Zeus (Júpiter) fulminou-o com um raio.

Durante muito tempo, os pintores medievais também imaginaram que Júlio César houvesse nascido de uma cesariana, e, tendo sido ele um imperador, representavam-no freqüentemente em suas obras de arte já nascendo do tamanho de um adolescente.

Talvez você não saiba

Na Idade Média, os monges se ocupavam intensamente no tratamento dos doentes da cidade e dos que vinham de fora clamando auxílio. Para acudir os enfermos, cultivavam plantas medicinais nas hortas dos conventos. Entre as ordens monásticas se distinguiu a dos beneditinos, fundada por São Bento de Núrsia em 529. Um canto litúrgico altamente repousante, que também servia para acalmar os doentes nervosos, foi criado pelo Papa Gregório Magno (540-604) e recebeu em sua homenagem o nome de canto gregoriano.

Os leprosos eram obrigados a usar uma vestimenta que de longe os identificava, a assinalar sua aproximação fazendo soar um chocalho preso ao pescoço e a não falar com outras pessoas sem se colocar contra o vento. Também não podiam mergulhar os dedos nas pias de água benta das igrejas. O mycobacterium leprae (bacilo de Hansen) foi descoberto pelo médico norueguês Gerard Armauer Hansen (1841-1912).

Timidez excessiva resultou na invenção do estetoscópio

René Theóphile Hyacinthe Laennec (1781-1826) foi um dos mais famosos clínicos da França. Por ser extremamente tímido, tinha grande dificuldade de auscultar seus pacientes. Naquela época, era usual o médico encostar o ouvido no tórax do paciente para escutar os ruídos pleuropulmonares e os batimentos cardíacos.

Retrato de René Laennec, expoente da Medicina francesa. Instituto de História da Medicina (Roma)

Certa vez, Laennec atendeu uma paciente jovem e bela, portadora de um problema cardíaco. O médico precisava, é claro, auscultar o coração da paciente, mas sentiu-se constrangido por ter de encostar o ouvido no sulco inframamário dela. De imediato, ocorreu-lhe uma idéia que poderia resolver aquela situação angustiante.

Laennec pegou uma folha de cartolina e a enrolou deixando uma extremidade mais larga que a outra; em seguida, colocou a extremidade mais estreita em seu ouvido e a mais larga no quinto espaço intercostal esquerdo da paciente. De súbito, teve uma grande surpresa: ouviu os batimentos do coração da moça mais ampliados do que se tivesse encostado o ouvido diretamente na região precordial. Estava assim descoberto o **estetoscópio,** em 1816, cujo nome foi sugerido pelo próprio Leannec e origina-se das palavras gregas *stethos* (tórax) e *skopos* (observador). Devido à sua semelhança com uma corneta, o estetoscópio inventado por Leannec foi durante algum tempo apelidado de trombeta auricular.

René Laennec era órfão e foi criado por seu tio médico Gullaume. Foi assistente do Dr. Dupuytren (o da contratura) e teve como cliente o grande compositor polonês Frédéric Chopin (tuberculoso). O inventor do estetoscópio tratou tantos pacientes tuberculosos que acabou se infectando. Ele mesmo deu o diagnóstico ao se auscultar. Morreu satisfeito ao ver concluído seu livro considerado o clássico das doenças pulmonares em toda a história da Medicina e que recebeu o título *Traité de l'auscultation mediáte et des maladies des poumons et du coeur*.

É interessante registrar que somente em 1905 foi desenvolvido, pelo russo Nikolai Korotkoff, o esfigmomanômetro, companheiro inseparável do estetoscópio na avaliação da pressão sangüínea arterial.

Talvez você não saiba

Ambroise Paré foi o cirurgião que substituiu a hemostasia cirúrgica nas amputações, feita até então por cauterização com ferro em brasa, por ligaduras vasculares. Assim ele foi perpetuado na história da Medicina. Quando vivo, porém, ficou famoso não por este fato, mas por atender o rei Henrique II, da França. O monarca, durante os festejos de noivado de sua irmã Margarida, foi ferido pela lança de um cavaleiro competidor. A lança penetrou fundo na cavidade orbitária, ao ponto de atingir o cérebro real. Mesmo auxiliado por Vesalius, não pôde salvar Henrique II, mas sua dedicação médica o credenciou para ser o médico do sucessor, rei Francisco II, que morreu de meningite. Foi ainda médico de Carlos IX, que não teve vida longa. A tuberculose guilhotinou o monarca. Além da necropsia deste último, foi Ambroise Paré quem fez, em 1562, a primeira necropsia por ordem judicial para esclarecer um crime.

A descoberta da circulação sangüínea

Com o intuito de aprimorar seus conhecimentos anatômicos, o médico britânico **William Harvey (1578-1657)** decide partir para a Itália, mais precisamente para a cidade de Pádua, que abrigava naquela época a maior escola de Anatomia do mundo. Durante seus estudos no exterior, Harvey descobre que o sangue sai do coração e segue através de um sistema de vasos fechados até a periferia do

William Harvey demonstrando a circulação sangüínea ao Rei Carlos I, da Inglaterra. Robert Hannah. Colégio Real de Médicos (Londres)

corpo e de lá retorna ao coração. Entende o médico que o coração, órgão que, acreditava-se, era a sede do afeto e o amor, é na verdade a bomba aspirante-premente do sangue. William Harvey descobre, assim, a circulação sangüínea.

Ele, no entanto, jamais entendeu como o sangue passava das artérias para as veias. Coube a **Marcello Malpighi (1628-1694)** matar a charada ao descobrir os “capilares” (vasos tão finos quanto “cabelos”), com a ajuda do microscópio desenvolvido por **Antony van Leeuwenhoeck (1632-1723)**.

Ao regressar a Londres, Harvey é recebido em palácio pelo rei Carlos I. O médico, com orgulho de súdito, põe em sua mão um coração aberto e explica ao rei como o sangue se movimenta através das suas quatro cavidades. Ao lado do orgulhoso Harvey está presente uma criança que, com ar admirado, não percebe que está presenciando uma das cenas mais marcantes da história da Medicina.

O príncipe, que calado a tudo assistia, ao crescer não quis ser médico, apesar de ter sido testemunha ocular de um evento histórico. Preferiu ser advogado, tendo se destacado na história do Direto ao instituir no mundo jurídico o instrumento do *habeas corpus*. Após ser coroado rei, escolheu ser chamado James II.

Talvez você não saiba

Michel de “Notre-Dame” (1503-1566), ou “Nostradamus”, foi um dos maiores médicos do seu tempo. Nascido em Saint-Remy-de-Provence, ficou, entretanto, mais famoso por suas profecias, dentre as quais a do guilhotinamento de Maria Antonieta. Possivelmente, mais do que um médico, era um cientista político que soube vender suas previsões como se fossem profecias.

No século XVIII, a moda masculina sofreu uma mudança radical na França em decorrência da sífilis. Os homens, devido à doença, viram cair seus cabelos, barbas e bigodes. Para disfarçar a alopecia, reis e demais autoridades passaram a usar vastas perucas cacheadas. Tais perucas ainda podem ser vistas hoje em tribunais e parlamentos europeus. A sífilis matou os papas Alexandre VI, Júlio II e Leão X, todos historicamente chegados a orgias.

Adão, nas pinturas e esculturas, não deveria ter uma costela a menos e uma cicatriz no tórax, já que foi costectomizado?

Andreas Vesalius e a sua *fabrica*

Ainda sobre a Escola de Medicina de Pádua, renomados anatomistas lá estudaram e lecionaram, dentre os quais destacamos **Andreas Vesalius (1514-1564), Bartolommeo Eustachio (1520-1574)** e **Gabrielle Falloppio (1523-1563)**. Vamos nos deter em Vesalius, um belga nascido em Bruxelas e formado em Medicina em Paris, que destacou-se em Pádua como o maior anatomista de todos os tempos. Seu nome é o resultado de uma homenagem que seu pai quis prestar

Frontispício da primeira edição da obra de Vesalius intitulada De humani corporis fabrica (1543). Johann Stephan von Calcar. Xilogravura

à cidade de onde haviam migrado para Bruxelas (Bélgica): Vesalius vem de Wesel, cidade pertencente ao antigo ducado de Cleve, no Baixo Reno.

Sua primeira descoberta anatômica foi a de que o esterno é constituído de três ossos (*manúbrio*, corpo e processo xifóide). *Manúbrio* é um termo latino cuja tradução é cabo (de uma faca).

É da autoria de Vesalius o livro *De humani corporis fabrica*, cuja primeira edição foi publicada em 1543. O livro fez tanto sucesso que, em 1555, foi publicada a segunda edição.

A curiosidade está nas diferenças entre as duas edições. Pode-se distingui-las observando detalhes da primeira gravura do livro. Na

Frontispício da segunda edição da obra de Vesalius intitulada De humani corporis fabrica (1555). Johann Stephan von Calcar. Xilogravura

Segunda prancha ilustrativa do livro De humani corporis fabrica (1543), evidenciando os músculos laterais do corpo. Johann Stephan von Calcar. Academia de Medicina (Nova York)

primeira edição, o homem que aparece segurando-se à coluna vista à esquerda do anfiteatro está despido e simboliza o estudo da anatomia de superfície. Na segunda edição, talvez por imposição da Igreja, o homem não mais aparece nu.

É interessante observar também que Vesalius, que é visto dando aula de demonstração de Anatomia do abdome, na segunda edição, quando já estava famoso, fez questão de ser retratado com a cabeça aumentada e desproporcional ao resto do corpo. Ele pretendia que, dessa forma, no futuro os estudantes pudessem ver como era sua fisionomia. Também na segunda edição, Vesalius fez questão de escrever no medalhão colocado acima do esqueleto, que simbolizava o estudo da osteologia, a seguinte frase: *Andreas Vesalius, bruxelense, médico do imperador Carlos V*.

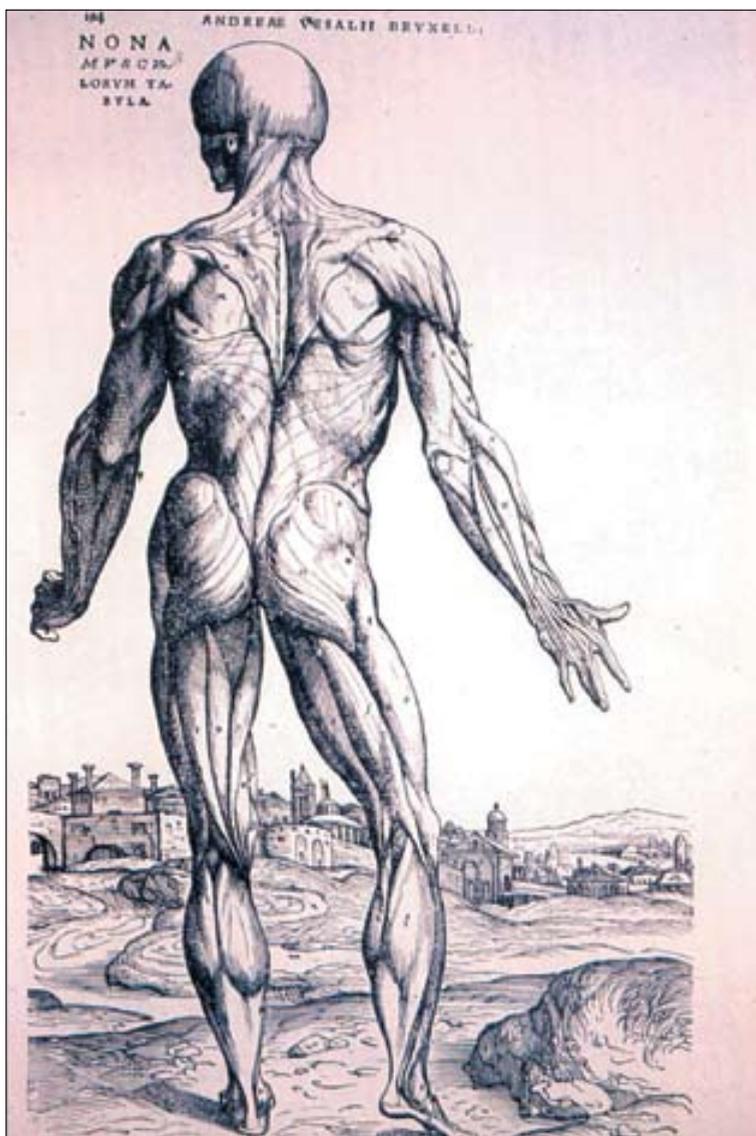
Essas duas xilogravuras, publicadas como frontispícios nas duas edições, foram feitas por **Johann Stephan von Calcar**, pintor

discípulo de **Ticiano (1485-1576)**, um dos maiores artistas do Renascimento italiano.

Cabe, por fim, destacar que ilustram o livro de Vesalius nove pranchas de anatomia humana. Se as colocarmos lado a lado, obteremos o perfil da cidade de Pádua em 1543, vista de longe pelos visitantes que se aproximavam.

Acusado de haver dissecado um homem vivo, Vesalius foi condenado a peregrinar em Jerusalém. Vítima de um naufrágio, consta que morreu de fome na ilha de Zante, aos 50 anos de idade.

Eustachio, que descreveu a tuba auditiva, e **Falloppio**, que descreveu a trompa uterina, foram discípulos de Vesalius. Trompa ou tuba são termos anatômicos empregados devido à semelhança dos citados órgãos com tais instrumentos musicais de sopro.

Nona prancha ilustrativa do livro De humani corporis fabrica (1543), evidenciando os músculos posteriores do corpo. Johann Stephan von Calcar. Academia de Medicina (Nova York)

A santa protetora das mamas

O governador Quinciano enfureceu-se porque a bela e casta siciliana chamada Ágata (Águeda) recusou suas ofertas amorosas. Por vingança, passou a persegui-la sob a alegação de que ela estaria praticando o cristianismo, proibido pelo imperador Décio. Foi condenada a ser queimada viva, tendo antes suas mamas amputadas. Assim que teve suas mamas cortadas e atiradas sobre a lenha a ser queimada, falou para o carrasco: “Você não tem vergonha de arrancar os seios de uma mulher, se você, quando criança, se alimentou nos seios de uma mulher?” Santa Ágata morreu no ano 250 e tornou-se, desde então, tanto a protetora das mamas femininas quanto dos médicos e médicas mastologistas. A principal igreja de Santa Ágata encontra-se na Via Aurélia, em Roma.

Santa Águeda. Ilustração do Livro de Horas do duque de Laval (1480). Biblioteca Nacional (Paris)

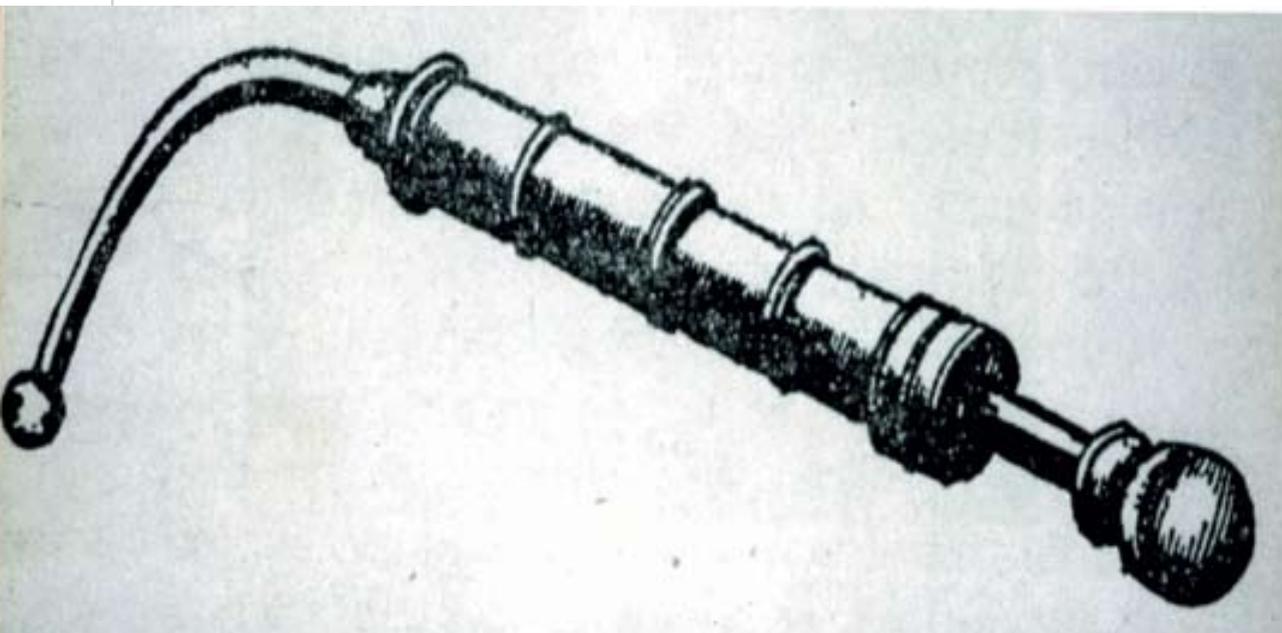
Santa Águeda. Francisco de Zurbaran (1598-1664). Óleo sobre tela, 215 x 240 cm. Coleção particular (Madrid)

Talvez você não saiba

Todo médico sabe que o "pai da Medicina" é Hipócrates, de Cós. Portanto, Hipócrates nasceu em Cós, assim como Leonardo da Vinci é filho da cidade de Vinci. Cós é uma pequena ilha do Mediterrâneo (282 quilômetros quadrados), situada próximo da costa da Anatólia. Produtora de perfumes, vinhos, figos, azeitonas e principalmente seda, abrigou uma das mais importantes escolas médicas da Antigüidade. Por ser aliada de Atenas, a cidade considerada berço da Medicina, foi devastada pelos Espartanos na guerra do Peloponeso (431-404 a.C).

Seringa para batizar fetos

Na Roma antiga sob o domínio dos césares não havia anestesia; portanto, não era possível fazer parto cesariano. Era frustrante para os médicos nada poderem fazer pela mãe ou pelo concepto que morriam durante o parto. Procurando atenuar parte do sofrimento causado por tal situação, os médicos inventaram uma seringa de madeira do tamanho aproximado de uma bomba de encher pneu de bicicleta. Este instrumento era enchido com água benta e a ponta,

Bomba de infusão de água benta na cavidade uterina através do óstio uterino

longa, encurvada e com abertura cruciforme, era introduzida no colo uterino. O médico injetava a água benta no útero e dizia ao feto: "Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo."

É óbvio que, neste momento, a água benta, contaminada, se misturava ao líquido amniótico. Com essa providência, o feto era batizado, ou seja, não morria pagão. Graças à intervenção médica, o pequeno livrava-se de ir para o limbo e ganhava o direito de entrar no reino do céu.

Talvez você não saiba

O grande médico grego Galeno, que com destaque exerceu a Medicina em Roma, é usualmente chamado Cláudio Galeno. Alguns estudiosos da história da Medicina acham que a abreviatura Cl., anteposta ao nome de Galeno (Cl. Galeno) em suas obras, significava apenas o nome da família que o criou e o educou. E agora, Galeno?

Hímen é o deus grego do casamento (hymen), segundo a mitologia. A ele era dedicada a cerimônia nupcial. Hymeneu era o termo empregado para o cântico entoado na solenidade, incluindo a marcha nupcial. Foi Vesalius quem usou o termo especificamente para a membrana situada no intróito vaginal.

Era no hospital Charité, em Paris, que trabalhava Jean Nicolas Corvisart, futuro médico de Napoleão Bonaparte e professor de Laennec (o inventor do estetoscópio). Coube a Corvisart chamar atenção para um desconhecido médico de nome Leopold Auenbrugger (1722-1809) que, quando criança, aprendeu com seu pai comerciante a avaliar a quantidade de vinho ainda restante em um barril de carvalho utilizando-se apenas da percussão. Por ser músico, com o ouvido extremamente educado para distinguir sons, Auenbrugger percebeu que podia mais facilmente diagnosticar algumas doenças se fizesse a percussão do tórax e do abdome dos seus pacientes.

Um dos medicamentos mais prescritos pelos médicos medievais foi a mandrágora. Trata-se de uma solanácea nativa da Itália e Espanha. Suas raízes bifurcadas, semelhantes às do ginseng, lembram muito o corpo de uma mulher. Prescrita como analgésico e no tratamento da esterilidade masculina, sua colheita era feita à noite e sob precauções especiais. Ao ser arrancada da terra, a planta de forma humana dava um grito que matava instantaneamente quem o ouvisse. Os médicos, sabedores dos riscos que rondam os que exercem a clínica, tinham sempre o cuidado de tapar previamente com cera os próprios ouvidos ao colherem a mandrágora. Os médicos eram verdadeiros marinheiros de Ulisses no exercício da odisséia médica (alusão ao fato de Ulisses ter tamponado seus ouvidos com cera para escapar do canto das sereias, conforme recitado no poema épico Odisséia).

Esculápio e Telésforo

Esculápio é quase sempre visto nas esculturas e pinturas apoiando-se em um bastão no qual enrola-se uma serpente. Em algumas ocasiões a representação artística do deus da Medicina se faz acompanhar

Asclépio e Telésforo. Escultura em mármore. Museu do Louvre (Paris)

de uma criança. Muitos médicos se perguntam: quem é a criança grotesca que pode ser vista junto à perna esquerda de Esculápio? Trata-se de Telésforo, o deus da convalescença.

Os incas e seus crânios trepanados

Do período neolítico, um dos achados de maior interesse para a Medicina é o dos crânios trepanados. Os incas, do Peru, eram peritos nesta operação. Seu objetivo era tratar a doença (epilepsia, loucura etc.), permitindo que o espírito maligno saísse do corpo pelo orifício aberto na cabeça. Habilmente executada sob o ar limpo de regiões não poluídas, freqüentemente proporcionava a sobrevivência. Há crânios encontrados com até cinco perfurações mostrando as bordas do orifício ossificadas. Os trepanados usavam penduradas no pescoço, como um colar, as rodelas de osso retiradas por ocasião das cirurgias. Estas tornavam-se amuletos valiosos, como as figas o são no presente para algumas pessoas.

Facas de trepanação – Tumi de ouro com turquesas. Faca cerimonial para trepanação. Cultura Chimú (1000-1600 d.C.) Museu Nacional de Antropologia e Arqueologia/Museu do Ouro (Lima)

O médico de Frida Kahlo

Frida Kahlo, considerada uma das maiores artistas mexicanas, teve como influência marcante em sua obra seu precário estado de saúde. Aos seis anos contraiu poliomielite, passando a apresentar atrofia muscular permanente da perna direita. Quanto tinha 18 anos, envolveu-se em um sério acidente automobilístico e fraturou três vértebras, algumas costelas e a pelve, além de sofrer fratura cominutiva da tíbia e da fíbula à direita. Foi exatamente quando se recuperou deste acidente que Frida Kahlo começou a pintar, representando a dor física com a qual conviveu pelo resto da vida, como se pode ver em *A coluna quebrada*, de 1944.

Ainda como resultado do acidente, a pintora ficou impossibilitada de levar uma gestação a termo, o que frustrou seu desejo de ser mãe. Em 1953, teve a perna direita amputada abaixo do joelho devido a uma infecção seguida de necrose, o que lhe causou extremo sofrimento e um quadro grave de depressão. Em 1954, aos 44 anos, foi encontrada morta. Uma embolia pulmonar foi registrada como a causa oficial do óbito. Especula-se, no entanto, que ela tenha finalmente obtido êxito na intenção de se suicidar, pois a última anotação em seu diário foi: “Eu espero que meu fim seja alegre, e espero nunca voltar.”

Frida Kahlo foi sempre extremamente grata ao seu médico, **Dr. Juan Farill**. Consta do seu diário: “Fiz sete operações da coluna. O Dr. Farill salvou-me e restituiu-me a alegria de viver. Quero viver. Já comecei a pintar um quadro para dar de presente ao Dr. Farill. O faço como prova do meu carinho por ele.” O quadro em questão intitula-se *Auto-retrato com o retrato do Dr. Farill*.

Auto-retrato com o retrato do Dr. Farill (1951). Frida Kahlo (1907-1954). Óleo sobre fibra dura, 41,5 x 50 cm – Coleção particular (México)
Neste auto-retrato, Frida aparece numa cadeira de rodas pintando o retrato do médico que lhe salvou a vida. A paleta é o coração de Frida, e a tinta o seu sangue.

A coluna partida (1944). Frida Kahlo (1907-1954). Óleo sobre fibra dura, 40 x 30,7 cm. Coleção Dolores Olmedo (México)

Quando Frida pintou este auto-retrato, estava fazendo uso de um colete de aço. A coluna jônica na pintura representa sua coluna com múltiplas fraturas. Os pregos fincados no corpo representam a dor e o sofrimento da artista.

O drama do Doutor

O Doutor é um dos mais belos quadros que têm médicos como tema. Foi pintado em 1891, pelo inglês **Sir Samuel Luke Fields**, atendendo a um pedido da rainha Vitória, da Inglaterra. Seu trabalho, que custou 3 mil libras esterlinas, foi intermediado por **Sir Henry Tate**, em cuja homenagem existe atualmente em Londres a Galeria Tate, onde esta obra de arte está exposta.

Fields, ao pintar a criança enferma, inspirou-se no drama que viveu com o falecimento de seu filho no dia de Natal de 1877. Na verdade, o quadro foi uma homenagem do pintor ao médico que assistiu seu filho na hora da morte. Para que a tela fosse a mais real possível, Luke Fields reproduziu no seu ateliê a sala de sua casa, palco do óbito de seu herdeiro.

O Doutor (1891). Samuel Luke Fields (1844-1927). Óleo sobre tela, 166,3 x 241,9 cm. Galeria Tate (Londres)

Talvez você não saiba

São marcos da história da Medicina brasileira, dentre outros, a criação do Instituto Manguinhos; a atuação de Oswaldo Cruz criando o exército de mata-mosquitos contra a febre amarela; o trabalho de Carlos Chagas descobrindo o agente causador da tripanossomíase americana no interior de Minas Gerais; a chegada às farmácias do Biotônico Fontoura, da Emulsão Scott e do Xarope Bromil; a criação do Instituto Butantã; a criação, por Monteiro Lobato, da personagem Jeca Tatu; a implantação da Escola de Enfermagem Ana Nery, por Carlos Chagas; a eleição do médico Juscelino Kubitschek para a Presidência do Brasil; e a publicação, pelo médico Josué de Castro, do livro "Geografia da Fome", no qual, em 1946, ele já alertava para o perigo de termos futuramente no Brasil duas classes sociais: "a dos que não dormem porque não comem e a dos que não dormem com medo dos que não comem."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, J.P.; BEZERRA, R.F.A.; BEZERRA, A.J.C. Anatomia da Beleza. Texto Didático. Série Educação Física, v1, n1, p31 – 40, Universa, Brasília, 2001.
- ARAÚJO, J.P.; BEZERRA, R.F.A.; BEZERRA, A.J.C. A doença de Frida Kahlo. Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Medicina, Sociedade Brasileira de História da Medicina, Barbacena, 2001.
- BETTMANN, O.L. A Pictorial History of Medicine. Charles C. Thomas Publisher, Springfield, 1956.
- BEZERRA, A.J.C.; BEZERRA, V.L.V.A. Ciclopes, Mito ou Realidade? J.Ped., 50(4):141-143, 1981.
- BEZERRA, A.J.C.; BEZERRA, V.L.V.A.; ARAÚJO, A.O.V. Sereias, Mito ou Realidade? F. Méd., 82(6):637-640, 1981.
- BEZERRA, A.J.C.; DIDIO, L.J.A.; PRATES, J.C. As aulas de Anatomia – Uma visão artística. An. Anat. Nor. 6:221-227, 1988.
- BEZERRA, A.J.C.; DIDIO, L.J.A.; PRATES, J.C. As aulas de Anatomia dos Professores Tulp e Deyman, segundo Rembrandt. An. Anat. Nor. 6:228-230, 1988.
- BEZERRA, A.J.C.; DIDIO, L.J.A.; PIVA JÚNIOR, L.; OLIVEIRA, S.V. Anatomical terminology according to Saint Luke. Quaderni di Anatomia Pratica, 48(1-4):1-13, 1989.
- BEZERRA, A.J.C.; DIDIO, L.J.A.; PIVA JÚNIOR, L. Terminos anatomicos em la Iliada de Homero. Rev. Chil. Anat., 9(1):73-77, 1991.
- BEZERRA, A.J.C.; DIDIO, L.J.A.; PIVA JÚNIOR, L. Dissection of Rembrandts Anatomy of Dr. Nicolaas Tulp. Arch. Ital. Anat. Embriol., 96(2):153-164, 1991.
- BEZERRA, A.J.C.; ARAÚJO, J.P.; BEZERRA, R.F.A. Fundamentos de arte para o educador físico. Rev. Bras. Ciên. e Mov. 9(3):65-78, 2001.
- BEZERRA, A.J.C.; ARAÚJO, J.P.; BEZERRA, A.C.A. A doença de Toulouse-Lautrec. Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Medicina, Sociedade Brasileira de História da Medicina, Barbacena, 2001.
- BEZERRA, A.J.C.; ARAÚJO, J.P.; BEZERRA, A.C.A. Doutor Gachet, o médico de Van Gogh. Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Medicina, Sociedade Brasileira de História da Medicina, Barbacena, 2001.
- CALDER, R. O homem e a Medicina: mil anos de trevas. Hemus Livraria Editora, São Paulo, s/d.
- DIDIO, L.J.A. Anatomy as Art and Science. Anat. Anz. 161: 197-208, 1986.
- ENTRALGO, P.L. Historia Universal de la Medicina. Salvat Editora, Madrid, 1972.
- FERNANDES, G.J.M. Eponímia: Glossário de termos epônimos em Anatomia e Etimologia: Dicionário Etimológico da Nomenclatura Anatômica. Editora Plêiade, São Paulo, 1999.
- FORTES, H.; PACHECO,G. Dicionário médico. Fábio de Mello Editor, Rio de Janeiro, 1968.
- GORDON, R. A assustadora história da Medicina. Ediouro, Rio de Janeiro, 1995.
- GRUBB, N. The Life of Christ in Art. Artabras, Italy, 1996.

- JANSON, H.N.; JANSON, A.E. Iniciação à História da Arte. Martins Fontes Editora, São Paulo, 1996.
- KETTENMANN, A. Frida Kahlo – Dor e Paixão. Taschen, Colônia, 1994.
- LIMA, D.R.A.; SMITHFIELD, R.W. Manual de História da Medicina. Editora Medin, Rio de Janeiro, 1986.
- LYONS, A.S.; PETRUCELLI, R.J. Medicine. An illustrated history. Times Mirror Books, Japão, 1987.
- LOPES, O.C. A Medicina no tempo. Melhoramentos, São Paulo, 1969.
- MARGOTTA, R. História ilustrada da Medicina. Manole, São Paulo, 1998.
- MAZZEI, M.L.D.S. La Historia de la Medicina y el Arte. El Ateneo, Buenos Aires, 1976.
- MELO, J.M.S. A Medicina e sua história. Ed. de Publicações Científicas, Rio de Janeiro, 1989.
- MIDDELKOOP, N.; NOBLE,P.; WADUM, J.; BROSS, B. Rembrandt under the scalpel. Akzo Nobel, Amsterdã, 1999.
- MOORE, K.L.; DALLEY, A.F. Anatomia orientada para a clínica. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2001.
- NERET, G. Dalí. Taschen, Colônia, 2000.
- NERET, G. Miguel Ângelo. Taschen, Colônia, 2000.
- OJUGAS, A.C. A dor através da História e da arte. Atlas Medical Publishing, Madrid, 1999.
- OLIVEIRA, A.B. A evolução da Medicina. Livraria Pioneira Editora, São Paulo, s/d.
- ROHEN, J.W.; YOKOCHI, C. Anatomia Humana. Atlas Fotográfico de Anatomia Sistêmica e Regional. Editora Manole, São Paulo, 1987.
- SCLIAR, M. A paixão transformada: história da Medicina na literatura. Companhia das Letras, São Paulo, 1996.
- SCLIAR, M. Cenas médicas: pequena introdução à história da Medicina. Ed. da UFRGS, Porto Alegre, 1987.
- SOBOTTA, J. Atlas de Anatomia Humana. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1984.
- SOUZA, Á.N. As duas faces de Apolo: a íntima relação entre a Medicina e as artes. Casa da Qualidade, Salvador, 2000.
- STERPELLONE, L. Os santos e a Medicina: médicos, taumaturgos, protetores. Paulus, São Paulo, 1998.
- STRICKLAND, C. Arte Comentada – Da Pré-História ao Pós-Moderno. Ediouro, Rio de Janeiro, 1999.
- TAVARES DE SOUSA, A. Curso de História da Medicina. Fundação Calouste Gulbenkian.
- WALTHER, I.F. Van Gogh – Visão e Realidade. Taschen, Colônia, 2000.
- WOLF, N. Velázquez – A face de Espanha. Taschen, Colônia, 2000.
- ZIGROSSER, C. Medicine and the Artist. Dover Publications, Nova York, 1970.
- ZÖLLNER, F. Leonardo. Taschen, Colônia, 2000.